

ELAINE ROSA

PRODUÇÃO DE MATERIAIS ARTÍSTICOS NA PRÉ-ESCOLA

UMA PROPOSTA

Monografia apresentada à Escola de Educação da
Universidade do Rio de Janeiro como requisito parcial
à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

UNIRIO

RIO DE JANEIRO

1997

ROSA, Elaine. *Produção de material artístico na pré-escola : Uma proposta.* Rio de Janeiro : UNIRIO, 1997. 80 p.

ELAINE ROSA

PRODUÇÃO DE MATERIAIS ARTÍSTICOS NA PRÉ-ESCOLA

UMA PROPOSTA

UNIRIO

RIO DE JANEIRO

1997

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO - EE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

REITOR

HANS JÜRGEN FERNANDO DOHMANN

VICE-REITORA

REGINA MARIA LUGARINHO DA FONSECA

DECANA

MARIA TEREZA WILTGEN TAVARES DA COSTA FONTOURA

DIRETORA

JANETE DE OLIVEIRA ELIAS

Coordenadora do Curso

Coordenadora do Departamento - CHEFE DE DEPARTAMENTO

Coordenadora do Curso - LIGIA MARTHA COIMBRA DA COSTA COELHO

Coordenadora

Coordenadora do Curso - Professora Responsável

Coordenadora do Curso - PROFESSORA RESPONSÁVEL

Coordenadora do Curso - GILDA MARIA GRUMBACH MENDONÇA

Coordenadora do Curso - Professora Orientadora

Coordenadora do Curso - Professora Orientadora

PROFESSORA ORIENTADORA

DENISE SARDINHA M. S. ARAÚJO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, *[nome]*, declaro que sou o autor(a) da obra

intitulado(a) *[título]*

de natureza *[natureza]* e que a mesma é de minha autoria

original e que não contém plágio ou conteúdo

ilícito, conforme consta no termo de

declaração

de autoria assinado por mim em *[data]*

em *[local]*

assinado por *[nome]*

assinatura

em *[data]* em *[local]*

assinatura

em *[data]* em *[local]*

Dedico este trabalho

Aos meus pais, Durval e Rosa,
e as minhas irmãs e irmão, Renata

Suze e Léo,

que me ajudaram e me encorajaram a

produzir este trabalho.

E a Deus,

que me guiou sempre nos momentos

mais felizes e difíceis de minha vida.

[Assinatura]

[Data e Local]

*Agradecimentos :
a Regina Maciel e
Maria da Paz e
as pessoas que me ajudaram
direta ou indiretamente na
realização deste trabalho .*

*E um Agradecimento especial
a professora Denise Sardinha
pela paciência, conselhos e assistência.*

SUMÁRIO

Pg.

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO	1
JUSTIFICATIVA.....	4
OBJETIVOS	6
METODOLOGIA.....	7

CAPÍTULO II

2. A Educação Brasileira e a LDB - Uma Fundamentação Teórica.....	9
A Educação Brasileira do século XVI e XVII - Colonização e o Ensino Jesuítico.....	9
A Educação Brasileira do século XVIII - Expulsão dos Jesuítas no Brasil e a Reforma Pombaliana.....	14
Século XIX e XX - A Vinda da Família Real, Implantação do Ensino superior e a nova LDB nº 9.934/96.....	17

CAPÍTULO III:

3. A pré - escola e a formação do seu professor.....	35
Formação do professor.....	45

CAPÍTULO IV:

4. O estudo das artes	56
-----------------------------	----

CAPÍTULO V:

5. Uma proposta.....	60
CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	82
ANEXOS.....	84

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Os problemas da Educação, todos conhecemos : faltam escolas, os professores muitas vezes não estão preparados, recebem baixa remuneração, têm currículo defasado, as escolas apresentam alto índice de evasão e repetência, o material didático é caro e de qualidade duvidosa. Além disso, a situação do ensino público, especialmente a fase que compreende o pré-escolar, no Brasil, é preocupante. A educação no país, ainda não é encarada como uma questão básica, apesar de teoricamente ser considerada essencial, tanto para se alcançar o desenvolvimento econômico como para a incorporação de conhecimentos fundamentais que, na realidade, leve a conquista do pleno exercício da cidadania. Soma-se a isso, perda crescente da credibilidade da Escola Pública.

Em termos gerais, constata-se que os professores do pré-escolar carecem de melhor informação para conduzirem o processo ensino-aprendizagem, de modo que as atividades, a serem propostas, sejam elaboradas de forma criativa e desafiadora para os alunos. Os professores não pesquisam novos materiais, formas, texturas, etc., não desenham ou pintam. Por quê ? Certamente um dos motivos é porque sentem medo de enfrentar novos desafios frente a situações novas. Por outro lado, há aqueles que se acomodam e aceitam pacotes prontos, exatamente por temerem mudanças. Daí não se renovam. Por isso, diante de uma folha em *branco*, optam por dizer: "*não sei desenhar*", "*não quero sujar minhas mãos usando massinhas*", "*não tenho tempo disponível*", "*o salário é pequeno*

”, “ *as crianças não ajudam e os pais não colaboram* “, “ *a comunidade é carente*”.

Todavia, existe uma parcela de professores que procuram vencer alguns desses obstáculos, para cumprir sua “missão” com dignidade. Estes profissionais buscam trabalhar com os recursos existentes na comunidade em que atuam , encontrando soluções criativas e inteligentes não só para ampliar o acesso das crianças à escola, mas também para melhorar a qualidade de ensino das crianças. Pretende-se então partir da compreensão de que a escola não modifica a sociedade, mas pode contribuir para a mudança desta se desempenhar o seu papel de ensinar criticamente, fornecendo os instrumentos básicos para essa cidadania.

Existe, pois, profissionais que reconhecem que para melhorar a qualidade do ensino é necessário aplicar diversas atividades que devem conduzir às crianças, não somente a desenvolverem o interesse, a criação e auto-expressão orientados pelos objetivos e metas a serem alcançados no planejamento didático, mas também atitudes de cooperação, autonomia e responsabilidade. Confiança nas suas formas de aprender, e respeito às idéias.

Qual a validade desta ou de outras propostas didático-pedagógicas? Responder a esta questão, deveria ser o objeto de estudo de todo professor que caminha com um processo de ensino-aprendizagem de modo a evitar que a prática pedagógica esteja divorciada das teorias ou da teoria que a sustenta.

Assim, sendo, no presente estudo, caminharemos em direção a uma proposta que leve o professor do pré-escolar, que atua em comunidades de baixo poder aquisitivo e na rede pública, a aplicar diversas atividades com o auxílio dos materiais artísticos não querendo com isso, diminuir o dever do Estado e da escola, em suprir as disciplinas de materiais didáticos não alternativos, apropriado ao ensino de artes.

Esperamos que as atividades aplicadas pelos professores conduzam aos alunos não somente a desenvolverem o interesse, a criação e a auto-expressão, também que eles tornem-se cooperativos, críticos e criativos, autônomos e responsáveis, confiando nas suas formas de aprender e respeitando a dos outros .

As questões que emergem quando tal proposta se apresenta, é a que devido as dificuldades encontradas pelo professor em adquirir recursos materiais, principalmente os artísticos, necessários nas atividades realizadas nas pré-escolas ou em comunidades de baixo poder aquisitivo, nós queremos auxiliar este professor apresentando uma forma alternativa ao professor para adquirir e produzir materiais de boa qualidade e de baixo custo, acessíveis na comunidade onde atua.

JUSTIFICATIVA

Este estudo foi realizado no intuito de auxiliar professores ou administradores que trabalham no sistema pré-escolar no que se refere aos materiais artísticos apropriados às crianças menores de 7 anos. Esses materiais também podem ser aproveitados em creches, instituições assistenciais e em grupos comunitários.

Por que voltar a atenção a esses materiais ? Na fase de ensino maternal e pré-escolar, os materiais artísticos estão mais presentes e se ajustam aos padrões de crescimento das crianças. Além disso, eles estão em pauta nas atividades voltadas às outras áreas da vida escolar da criança como a matemática, a linguagem, estudos sociais e ciências e na literatura infantil.

As crianças que estão na fase pré-escolar - de 2 a 6 anos de idade, desenvolvem-se rapidamente, tanto físico como mentalmente. De acordo com o seu nível de idade há uma necessidade especial que requer satisfação por parte da criança. Apesar das diferenças que existem entre elas, encontramos muitas características comuns nos grupos específicos de idade. Esses grupos devem ser observados e orientados com atividades que não só explorem as expressões artísticas, mas que o professor propicie um ambiente de experiências, de curiosidades, de trabalho, de desafios. Para isso, é necessário que a criança disponha, em quantidades suficiente, das várias espécies de materiais artísticos e didáticos. Elas jamais devem encontrar dificuldades para se expressarem, por não disporem de meios adequados. Para as crianças, isto é desanimador, é ausência de incentivo, causando a

desmotivação. Neste contexto Lowenfeld (1977) faz uma comparação entre a criança e um profissional :

“ Da mesma forma que um marceneiro não constrói um móvel fino com ferramentas deficientes, uma serra inútil e madeira verde, a criança também sofre grande desvantagem na variedade de suas expressões, quando não dispõe de materiais adequados às suas necessidades. ”

Porém, na realidade brasileira, não é somente as crianças que necessitam de recursos materiais. Em muitas escolas públicas, a escassez de recursos é uma constante, em todas as áreas.

A partir dessa realidade, iniciam as dificuldades que atingem não só ao corpo discente, mas toda a comunidade escolar.

OBJETIVOS

São dois os objetivos dessa monografia :

a) apresentar, no cenário da educação brasileira, da educação infantil, da formação do seu professor e da educação artística, uma discussão em torno da necessidade de se estimular esse professor a produzir junto com os seus alunos, seu material didático para a educação artística.

b) apresentar uma proposta de produção de material artístico para a pré-escola.

METODOLOGIA

Visando a atender ao propósito anteriormente constatado, optamos em dividir nosso estudo em 5 Capítulos.

Nesse primeiro capítulo, na introdução, falamos sobre os problemas emergenciais, estruturais, políticos e didáticos que assolam o dia-a-dia do professor da escola brasileira a causando-lhes desânimos. Devido a esses problemas muitos se acomodam e não pesquisam novas saídas para essas soluções e, ao mesmo tempo, existem professores que procuram novos caminhos para contornar os problemas. Seguimos então para formular didaticamente qual o objetivo desse estudo para nos orientarmos e ao leitor. Apresentamos então, a nossa escolha na organização do estudo, sua metodologia. Para a proposta de produção de material, foi feito um estudo bibliográfico baseado, principalmente, nas experiências de Fininha e Manoel, que foram realizadas nos encontros de criatividade comunitária realizados na periferia da região industrial de Belo Horizonte. Eles reuniram todos os seus materiais e trabalhos em um livro. Com recursos pobres, ensinam e apresentam uma forma alternativa de realizar atividades e de popularizar a arte, tão distanciada das comunidades mais pobres.

No segundo capítulo iniciaremos com uma análise do contexto histórico da educação no Brasil, não só com o intuito de relembrarmos a história da educação brasileira e , mas também criar como pano de fundo para mostrar os motivos que levaram a degradação das escolas hoje em dia.

No capítulo terceiro, discorreremos sobre a educação voltada a crianças de zero a seis anos, objeto da pré-escola e quais as tendências que influenciaram essa pré-escola brasileira e a formação do seu professor.

No quarto capítulo falaremos da contribuição da educação artística na educação, pré-escola e na produção de materiais artísticos.

No quinto capítulo fecharemos, apresentando nossa proposta de produção de materiais artísticos que esperamos, auxilie o professor, na pré-escola . Encerramos então com nossas conclusões sobre o presente trabalho.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E A LDB - UMA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para esclarecimento sobre os problemas da escola pública hoje, no Brasil, recorreremos ao resgate de sua evolução histórica. Veremos que a educação a nível nacional, no Brasil, foi deixada de lado pelas autoridades que governaram o nosso país desde seu “descobrimento” até hoje, a aproximadamente 500 anos. Frisamos a palavra descobrimento, pois o Brasil não foi descoberto e sim colonizado por portugueses porque as terras brasileiras já eram habitadas por índios, que possuíam sua própria cultura, seu modo de viver e de ver o mundo que, mais tarde, foi assimilado pelo povo que iria surgir a partir da miscigenação entre os povos; indígenas, portugueses e negros africanos.

Educação Brasileira do século XVI e XVII :

Colonização e o ensino Jesuítico.

À época do descobrimento do Brasil, Portugal tinha outros interesses em relação a esta nova colônia : explorar todas as riquezas que nela poderia existir, principalmente metais preciosos e produtos tropicais considerados bens de consumo mais procurados e de maior interesse da emergente burguesia européia que queria o comércio e enriquecer ainda mais.

Portanto, não havia primeiramente, nenhum interesse da coroa portuguesa em instalar-se na sua nova colônia.

A partir de 1530, inicia-se no Brasil a colonização portuguesa, com o sistema de capitanias hereditárias. A economia colonial desenvolve-se em torno do engenho de açúcar e o dono do engenho, recorre ao trabalho escravo. Primeiramente, foram os índios brasileiros e mais tarde os negros africanos. Todas as riquezas ou lucros, iam para as mãos dos grandes comerciantes na metrópole, Portugal.

No início, mesmo com a fixação do colonizador no Brasil, não houve nenhuma preocupação com a educação. O latifúndio, a escravatura e a monocultura eram as características principais do Brasil colônia, portanto não havia necessidade de educar as pessoas já que para eles o trabalho agrícola não carecia de nenhuma formação especial.

Numa época de absolutismo, ou seja, o rei era dono de tudo e de todos, a Igreja por sua vez era submetida ao poder real e tornava-se um instrumento importante na garantia da unidade política, através da uniformização da fé e da consciência. Assim, nesta época, as metrópoles européias, enviavam religiosos para as suas colônias a fim de desenvolverem um trabalho missionário e pedagógico, que tinha como finalidade converter os índios e impedir que os colonos se desviassem da fé católica, facilitando a dominação metropolitana. No Brasil, os jesuítas obtiveram um resultado mais significativo porque a meta desses missionários era a de se empenharem na atividade pedagógica, função para eles considerada primordial. Portanto, a educação na colônia assume um papel de agente colonizador.

Os primeiros jesuítas, chefiados por Manoel da Nóbrega, chegam ao Brasil em 1549 junto com o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa e, quinze dias depois, os missionários já faziam funcionar, na recém fundada cidade de Salvador, uma escola de ler e escrever. Num período de 210 anos, os missionários promoveram uma educação maciça na catequese dos gentios (índios), educação para os filhos dos colonos, formaram novos sacerdotes, além disso, controlavam a fé e a moral dos habitantes da nova terra.

Mas isso não foi fácil para os jesuítas.

Os missionários a princípio tiveram que enfrentar vários desafios para se adaptarem às exigências locais. De um lado estavam os índios com costumes e língua desconhecidos e, de outro os portugueses, rudes e aventureiros, sem suas famílias e parentes, desenvolvendo hábitos criticados pelos religiosos. Portanto, apesar de todos os esforços em vão de conseguir atrair a atenção dos adultos, os jesuítas conquistam as crianças principalmente os curumins que, aos poucos vão aprendendo os bons costumes europeus e a religião cristã. O fato que ocorreu posteriormente, foi o choque entre as culturas - a nativa e a imposta pelo colonizador, iniciando-se aos poucos a desintegração da riquíssima cultura indígena.

Como disse Oswald de Andrade em seus versos:

“Os padres vestiram literalmente os índios, fazendo com que se envergonhassem da sua nudez mas, também, vestiram-nos simbolicamente com outros valores que não eram os seus: como todo o colonizador que se acha “superior”, impuseram outra língua, outro Deus, outra moral e até outra estética.” (Aranha,p.120. 1991)

Apesar dos índios e os filhos de colonos estudarem nas mesmas escolas, haviam dois tipos de educação : a dos catequizados e a dos instruídos, ou seja, os índios eram educados para se tornarem dóceis para o trabalho e os filhos dos colonos recebiam uma educação mais efetiva . Os cursos implantados pelos jesuítas eram : o de letras humanas - de nível médio voltado para os meninos brancos e mamelucos, onde ensinava-se o latim e a gramática. Quando terminavam o ensino médio, os filhos dos colonos ingressavam ao curso de filosofia e ciências (ou artes) e o de teologia e ciências sagradas. Estes últimos cursos eram considerados de nível superior, todos destinados à formação do humanista, do filósofo e do teólogo, tema básico da educação jesuítica.

Quem não optasse em seguir o curso de teologia, após o término do curso de artes, partia para a Europa principalmente para a faculdade de Coimbra, em Portugal, onde preparava os estudantes para as carreiras consideradas profanas , as profissões liberais - o direito, a filosofia e a medicina.

Os jesuítas tinham todo o apoio da coroa portuguesa pois eles já monopolizavam o ensino no Brasil. Porém, quando haviam inovações por parte dos jesuítas e estas inovações alteravam a ordem na colônia, a metrópole intervinha radicalmente.

A influência mais marcante da educação jesuítica é a que exerceu na formação da pequena burguesia e das classes dirigentes do Brasil-colônia. A estrutura do ensino jesuítico que é predominantemente clássica, ou seja , valoriza a literatura e a retórica, desprezando o estudo das ciências e das

atividades manuais, propiciando a formação de uma elite pensante. Para eles, num país totalmente agrário onde o trabalho manual estava ao cargo do escravo, não era necessário nenhuma especialização profissional para o aluno. Com isso, o Brasil ficou mais distante das principais conquistas. Enquanto no mundo estava ocorrendo a revolução nas ciências e nas técnicas, formando um homem prático, tendo um espírito crítico, pesquisando e experimentando, a elite intelectual brasileira aprendia um saber universal e abstrato, mais voltado para o bacharelismo, a burocracia e as profissões liberais. E enquanto a elite pensava nos discursos, eles distanciavam-se ainda mais dos problemas da realidade imediata. Além disso, durante esse longo período de tempo aumentou o abismo existente entre os letrados e a maioria da população analfabeta.

Passamos do século XVI ao XVII. O Brasil ainda continua sendo agrícola e dependente, baseado na produção da monocultura de cana-de-açúcar. Porém, nesta época Portugal entra em crise devido às perdas de suas colônias na África e na Ásia passando, aos poucos, a depender da Inglaterra, potência em ascensão e apoiando-se na sua maior colônia - o Brasil. Com isso, leva Portugal ao enrigecimento da política mercantilista, vigiando com maior rigor a exclusividade do monopólio do comércio. Isso proporcionou uma série de conflitos entre os colonos brasileiros e a coroa portuguesa, devido as contradições dos interesses de cada um: tanto da metrópole, que queria todos os bens da colônia, quanto dos colonos que trabalhavam e moravam no Brasil.

A educação neste período não muda. Nas escolas persiste o monopólio jesuítico, visando a formação humanista, centrada no latim e no estudo de clássicos ficando ainda mais distante à revolução intelectual europeia - nada de ciências físicas ou naturais, nem a preocupação com a técnica ou a arte.

O ensino de nível médio era o mais procurado, pois tinha o caráter totalmente elitista visando à formação da classe dirigente, aumentando o interesse de moços mestiços e a do novo segmento emergente, a pequena burguesia urbana, devido a importância dada aos graus acadêmicos para a ascensão social.

Educação Brasileira do século XVIII :

Expulsão dos Jesuítas no Brasil e Reforma Pombalina.

A partir do século XVIII, a situação de Portugal não é boa. A coroa portuguesa perde o poderio de suas colônias e entra em flanco declínio. A Inglaterra, ao contrário de outros países europeus, antecipara as alterações políticas e econômicas e surgiu como uma grande potência transformadora da economia europeia com a introdução do capitalismo industrial iniciado a partir da Revolução Industrial em 1750, com a introdução da máquina a vapor, alterando definitivamente o panorama socio-econômico com a mecanização da indústria, tornado-se inevitável que a burguesia tenha maior poder aquisitivo em relação a nobreza que já estava em declínio.

Portugal, foi um dos países que, para não entrar em decadência procura ajuda na Inglaterra, e se submete a tratados comerciais que lesavam tanto a si quanto ao Brasil, sua colônia.

E para manter o absolutismo real português, o primeiro-ministro do rei D. José I, Marquês de Pombal, tenta modernizar Portugal combatendo toda a

forma de oposição às mudanças, por isso, ele expulsa os jesuítas não só do reino como de suas colônias em 1759.

Neste período surge um novo fenômeno na colônia que refletirá não só na questão socio-econômica como educacional.

No Brasil, a produção açucareira entra em declínio devido as concorrências estrangeiras. Neste mesmo período, são descobertos minas de ouro e o centro econômico se desloca para o sul de Minas Gerais e a região sul em geral, surgindo, conseqüentemente, uma nova organização social: a formação de uma pequena burguesia resultante do comércio interno e da necessidade de uma administração mais complexa. Deste segmento haverá maior exigência em relação a educação, bem como as aspirações de emancipação política.

Em 1759, Marquês de Pombal, indignado com o nível de atraso cultural e do fanatismo religioso que se alastrava no Brasil, expulsa os jesuítas. Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, inicia-se um dismantelamento da estrutura montada pela Companhia de Jesus : foram destruídos livros e manuscritos importantes e além disso, ocorreu uma fato mais grave a nível educacional - não houve de imediato a substituição do ensino jesuítico por outra organização escolar dando ao início do retrocesso em todo o sistema cultural brasileiro.

Neste momento a educação brasileira sucumbe ao seu período mais obscuro e são tomadas várias medidas desconexas e fragmentadas. Ao expulsar os jesuítas não queria dizer, eliminar do país as suas idéias, pois essas

continuavam a surgir em virtude da ausência de idéias novas. Mestres formados pela Companhia (com o nível de ensino e ação pedagógica inferior a dos jesuítas) , escolas de carmelitas, beneditinas e franciscanas, surgem no intuito de preencher o espaço vazio deixado pelos jesuítas. Isto ocorreu devido ao fato de que nenhum sistema de ensino fora estruturado para substituir a bem organizada rede escolar jesuítica.

Estes problemas continuam até 1772, uma década mais tarde, quando Marquês de Pombal chega ao Brasil e toma as primeiras providências no ensino brasileiro. Inicia-se, então, a implantação do ensino público oficial, onde cabia à coroa cuidar da organização, nomeando professores e estabelecendo planos de estudo e inspeção. O ensino jesuítico - o curso de humanidades - é substituído por aulas régias de disciplinas isoladas voltadas às ciências, as artes manuais e a técnica. Porém no Brasil, até a vinda de D. João VI a reforma de Pombal se tinha resumido a uma fraca renovação metodológica. O país encontrava-se com inúmeros problemas a nível educacional: dispersões das escolas , os mestres leigos e mal preparados , além de mal remunerados. Como toda a organização era a cargo da Metrópole, a máquina administrativa tornou-se morosa e ineficaz.

Como Portugal dependia de sua colônia, a educação nessa época reforça a submissão, o respeito à autoridade e a escravidão, portando, não tinha espaço dentro do ensino a originalidade, a iniciativa, a força criativa individual dos alunos.

Século XIX :

Vinda da família real e a implantação do ensino superior.

Neste século, a família real se muda para o Brasil, principalmente para o Rio de Janeiro em 1808 com o apoio e proteção da Inglaterra, devido aos conflitos com Napoleão. A cidade então, tenta se adaptar rapidamente devido ao grande número de pessoas da corte que invadiram suas casas e ruas pacatas.

Com a vinda da família real, não só a vida dos moradores são alteradas: o Brasil também passa por modificações consideráveis: a fim de suprir as carências dos eventos culturais a que estavam acostumados na Europa, D. João preocupa-se em criar o Jardim Botânico, a Biblioteca Pública e a do Palácio da Ajuda, o Museu Real, a implantação da Imprensa Régia e estimula a presença da Missão Cultural Francesa com a Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura, Arquitetura Civil, que seria depois transformada em Escola Nacional de Belas-Artes. Foi a partir desse momento que iniciou-se uma ruptura do pacto colonial, surgindo os primeiros passos para a independência do Brasil.

Com a independência do Brasil, em 1822, não houve nenhuma modificação no quadro social, ou seja, a estratificação social era a mesma: o primeiro segmento formado por grandes proprietários rurais, sempre em menor quantidade, tornam-se mais ricos; o segundo segmento era formado por homens-livres não proprietários de terra; e o último segmento era formada de escravos, sempre em enorme quantidade. O cultivo de café torna-se o centro das atenções que, com a sua expansão trouxe novo influxo ao comércio e, ao

mesmo tempo surge uma pequena industrialização com a produção de navios a vapor, construção de estradas de ferro e instalação de bancos e telégrafo por Barão de Mauá, ampliando a vida urbana na antiga colônia. Faz surgir o trabalho do livre-assalariado formada de milhares imigrantes , substituindo a mão-de-obra escrava.

Em 1889, a monarquia é derrubada e é proclamada a República , e mesmo assim, o modelo econômico permanece : o Brasil continua sendo agrário, exportador e dependente.

Em relação a educação do século XIX, ainda não há uma política de ensino sistemático e planejado - as mudanças estão sempre voltadas aos problemas imediatos, nunca encarando a educação como um todo.

No início do século, em 1808, o príncipe D. João VI chega ao Brasil com a necessidade de se efetuar mudanças no quadro das instituições brasileiras porque a sua corte, de aproximadamente de 12.000 pessoas, demandava uma educação mais científica, com métodos pedagógicos menos arcaicos que os usados até então - varas de marmelo e palmatórias. (Castro , 1994)

Surge, então, os cursos profissionalizantes de cunho prático visando as novas necessidades como: as Escolas Superiores (Academia Real da Marinha, Academia Militar e Escola Central, Escola Militar de Aplicação), Cursos Médicos-Cirúrgicos, Cursos de Economia Política, Gabinete de Química, Curso de Agricultura e Cursos Jurídicos.

Os cursos superiores são os mais enfatizados e alguns foram transformados em faculdades, não havendo interesse ainda em formar uma universidade. Os demais níveis de ensino foram deixados de lado como o ensino secundário - ainda tinha o caráter propedêutico (totalmente voltado a preparação ao ensino superior) com conteúdo humanístico. Este ensino era ministrado por professores particulares e , o ensino superior determinava e exigia quais eram disciplinas a serem efetuadas, tornando as aulas avulsas, sem fiscalização ou unidade. Por esses motivos o ensino secundário foi muito criticado, pela sua baixa qualidade, constituídos por professores improvisados e que devidos aos baixos salários, obtinham outros empregos.

Neste período, surgem as primeiras escolas de formação de professores, as Escolas Normais, ofereciam dois anos de curso de nível secundário e atendem a pouquíssimos alunos.

Estas inovações não deixam de ter um caráter elitista na educação brasileira, onde só os filhos de nobres, proprietários de terras e a camada intermediária teriam acesso a estes cursos. A educação escolarizada passa a ser vista como meio de ascensão social. A classe intermediária procurava relacionar-se com a classe dominante a fim de conseguir ocupações burocráticas, administrativas e intelectuais consideradas mais dignas do que os trabalhos manuais consideradas “degradantes” por serem realizadas por escravos, ou seja, qualquer pessoa que conseguisse um cargo considerados burocráticos na administração da Corte, sem desenvolver o trabalho manual aproximava-se da nobreza e se distanciava-se da “massa-escrava”. (Castro, 1994)

Em relação ao ensino elementar esta não é vista como meta prioritária, porque não há uma mudança econômica suficiente para mudar o quadro da população que era formada a maior parte de escravos. Conseqüentemente, houve pouquíssimas ofertas de escolas elementares, que também só ensinavam a ler, a escrever e a contar. A exigência de conclusão do curso primário não era necessária para se ter acesso a outros níveis, no caso o secundário. No caso dos filhos dos ricos, esses eram educados em casa com professores particulares, os preceptores.

Vimos, que nesse período, desde a queda da Monarquia e o surgimento da República no Brasil, não houve uma mudança qualitativa no quadro educacional, pelo contrário: a escola é para os ricos e somente alguns pobres tem acesso a uma educação elementar precária. Com isso cria-se a dualidade de ensino; escolas para ricos e outra para os pobres e o distanciamento maior entre as classes sociais.

No período de transição dos séculos XIX ao XX, a situação educacional brasileira ainda continua precária e surgem várias tentativas de reformas legais visando a oficializar o ensino e a estruturar uma política nacional de educação, mas fracassaram todas. As condições educacionais continuam satisfatórias para os ricos e ao mesmo tempo, a população rural e urbana estão em extrema pobreza, vivendo abaixo dos níveis aceitáveis da alimentação e habitação. O índice de analfabetismo é altíssimo e a educação elementar não recebe a menor atenção. (Aranha, 1991)

Por que isso ocorreu? Começou a partir de 1891 com a Constituição instaurando no Brasil um governo representativo, federal e presidencial. Os

Estados, agora, tornam-se autônomos e com as diversidades de riquezas (produção agrícola, mineradora etc.) que cada um (estado) oferecia, resultando um crescimento desigual entre eles. A política favorece aos coronéis, os grandes proprietários de café, que estavam instalados nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, portanto dominavam tudo. O poder era alternado entre os líderes paulistas e mineiros, na qual foi chamada de política café-com-leite.

Devido à falta de infra-estrutura e de apoio das elites (fazendeiros de café), que se recusam qualquer tipo de renovação cultural, a educação elementar é deixada de lado e o apoio maior está voltado ao ensino secundário e o superior, pois são voltados para os filhos de ricos, estendendo-se até a década de 20, quando o índice de analfabetismo chega a 80% da população brasileira. Outros motivos surgiram e, devido a esses problemas, apareceram diversos movimentos políticos e culturais que abalaram os alicerces da intelectualidade tradicional.

O primeiro movimento foi a Semana de Arte Moderna de 1922, que reuniu representantes de todas as áreas culturais: pintura, música, escultura, arquitetura e literatura. Este movimento tinha o intuito de renovar os valores artísticos nacionais, que estavam até então voltada demasiadamente pela concepção européia, principalmente francesa (que estava aqui desde o estabelecimento de D. João no Brasil).

Em relação a educação surgem vários planos de reformas e debates realizados por educadores e intelectuais preocupados em recuperar o atraso do ensino brasileiro. Este período foi considerado como o "entusiasmo pela

educação e o otimismo pedagógico”. Uma das influências para essa mudança foi o da introdução das propostas da Escola-Nova no Brasil, que trouxe a esperança de democratização e de transformação da sociedade por meio da escola, propondo uma renovação das técnicas e da criação de uma escola única, obrigatória e gratuita (Aranha, 1991).

Nesta década surgiram, também, outras propostas que estavam em andamento em diversos Estados brasileiros como a de Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, entre outros. Mas, essas idéias e experiências ficaram restritas somente a alguns lugares, e nem sempre foram encontradas formas adequadas para a sua execução.

Em 1929, com a queda das exportações, principalmente a cafeeira, devido a quebra da bolsa de Nova York, os latifundiários cafeeiros vêm-se obrigados a deslocar seu capital de investimentos agrários em outros setores produtivos. A partir desse momento dá-se o início do aumento do mercado interno que estimula o desenvolvimento industrial brasileiro. Em 1930, foi período de transição da sociedade oligárquico-tradicional para a urbano-industrial, surgindo novas forças sociais e redefinem as estruturas de poder. Segundo Elza de Castro (1994):

“ o modelo econômico tipo agrário exportador (passa à substituição de importações) orienta-se no sentido da industrialização e estrutura-se segundo o modo de produção capitalista, o que acarreta importantes transformações, como a ampliação do papel do Estado, ampliação do papel do capital multinacional e das relações dependentes do capital. Tais mudanças resultam em redefinição do processo de

dependência e centralização do poder político, acarretando conseqüências diretas sobre a educação.”

As conseqüências em relação foram : as classes médias e operárias que viam a educação como meio de ascensão social, na procura de *status* de elite, ou seja, a educação para o ócio - nada de trabalhos voltados a classe dominada: o trabalho manual.

A educação, neste período, recebeu todas as atenções tanto pelos movimentos de educadores como pelos movimentos de iniciativas governamentais. Isto foi devido ao crescimento da demanda social pela educação, resultante do crescimento demográfico e da intensificação do processo de urbanização. O resultado foi um aumento considerável de escolas primárias, secundárias : escolas normais e técnicas industriais, concentrados somente em regiões urbanas dos Estados mais desenvolvidos. Segundo Elza de Castro a partir dessa ocorrência ...

“...a sociedade política ,então, toma consciência da importância estratégica do sistema educacional para assegurar e consolidar as mudanças estruturais ocorridas na superestrutura, portanto, articula-se, a fim de regulamentar a organização e o funcionamento do sistema, com vistas a submetê-lo ao controle direto.”(Castro,p10-11, 1994)

Então, em 1930 é criado o Ministério da Saúde e Educação com objetivo voltado para a organização do planejamento das reformas de âmbito nacional, estruturação das universidades e para a construção da Escola Pública de massa no Brasil. Em 1934, foi o ano das mudanças : a Constituição elabora

um Plano Nacional de Educação implantando, pela primeira vez, um ensino gratuito e obrigatório para toda a população e regulamenta as formas de financiamento da rede oficial, tornando facultativo o ensino religioso; é fundada a Universidade de São Paulo (USP) ,em São Paulo, devido a união de diversas faculdades; surge também, no Rio de Janeiro, a Universidade do Distrito Federal e por fim a Faculdade de Filosofia São Bento é reconhecida pelo governo federal.

Com a criação da faculdade de filosofia em São Paulo, os alunos nela formados, faziam estágios no Instituto de Educação (escola normal a nível secundário), e assim em 1937 no Brasil, surgem os primeiros professores licenciados para o ensino secundário. Com isso, o quadro educacional em relação às escolas de formação do magistério foram renovados e enriquecidos com especialistas formados nas faculdades de filosofia. Para as classes menos privilegiadas foram criados escolas de ensino profissionalizante, nas áreas de especialização das indústrias, principalmente para filhos de empregados. Torna-se obrigatória, nessa época, a disciplina moral e cívica.

Neste sentido, o sistema educacional desta época transformou-se em Aparelho Ideológico do Estado, ou seja, todas as instituições sejam elas públicas ou privadas como: a família, a Igreja, os meios de comunicação de massa , os partidos políticos, a cultura, o jurídico etc., funcionam massivamente pela ideologia e secundariamente pela repressão, que é atenuada, dissimulada ou simbólica (Castro, p.13. 1994).

Entre os anos de 1945 a 1964 - após a segunda guerra mundial (1939 a 1945), tendo Getúlio Vargas na presidência do Brasil, inicia-se a República

Populista criada a partir da emergência das classes populares urbanas, resultantes da industrialização que se acham insatisfeitas com suas condições de vida e de trabalho. O governo populista, então, se revela ambíguo : de um lado reconhece a insatisfação popular e reage as pressões e de outro desenvolve uma “política de massa”, pela qual procura manipular e dirigir as aspirações populares.

Na Educação a influência da tendência humanista moderna torna-se mais forte, apresentando uma visão do homem centrada na existência, na vida , na atividade, onde a natureza do homem é mutável , determinada pela existência. O adulto é visto como ser completo ao nascer e inacabado ao morrer, portanto não é visto como modelo. A educação passa a centrar-se na criança pois ela é considerada um processo descontínuo (Castro, p.11-12, 1994).

Esta concepção surgiu na Brasil devido as fortes influências vindas do exterior como as correntes do psicologismo, o sociologismo e o economicismo pedagógico.

Na década de 50 e início da década de 60, principalmente no Nordeste brasileiro, foi palco do ambiente histórico-político no qual as idéias de Paulo Freire, Anísio Teixeira entre outros, se formaram e se desenvolveram.

Em 1948, o Ministro Clemente Mariano apresenta o anteprojeto da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação - a Lei 4024), a partir de um trabalho elaborado por educadores sob a orientação de Lourenço Filho. O percurso desse projeto é longo e tumultuado se estendendo até 1961, onde foi

promulgada. Tratava-se de uma proposta avançada para a época em que foi elaborada, porém ao decorrer dos anos, ela se adultera e envelhece devido aos debates e dos confrontos de interesse, principalmente das escolas particulares .

Porém , em 1964, ocorre o Golpe Militar instaurando a ditadura. Foi a época do aumento da desnacionalização da economia brasileira, as empresas multinacionais entram definitivamente no Brasil e a economia passa a vincular-se cada vez mais aos interesses dos estrangeiros, sobretudo aos norte-americanos. Devido a entrada do capital estrangeiro, agrava-se ainda mais a pobreza, fecham-se várias pequenas e médias empresas, aumenta a recessão, o arrocho salarial e a inflação. As manifestações políticas são vigorosamente contidas em consequência da doutrina de segurança nacional que a partir da qual é justificado todo o tipo de repressão. Os brasileiros perdem o poder de participação e de crítica.

A educação também sofreu o impacto da repressão. O governo desde o início da implantação da ditadura, proibiu a organizações consideradas subversivas como a UNE (União Nacional dos Estudantes), permitindo o D.A. (Diretório Acadêmico) para cada curso e o DCE (Diretório Central dos Estudantes), para cada universidade. Foi eliminado a representação de âmbito nacional e proibido qualquer tentativa de ação política. O lema era : estudante para estudar; trabalhador para trabalhar.

Nas escolas de nível médio, os grêmios foram transformados em centros cívicos.

Devido a opressão do governo, o movimento estudantil se revolta e reivindicam uma urgente reforma universitária. Porém, em Novembro de 1968, a ditadura se põe violenta : O governo , com receio de qualquer oposição ao regime , implanta a lei da reforma de ensino superior e, em dezembro é baixado o AI-5 (Ato Institucional nº5), que retira todas as garantias individuais, públicas ou privadas e concede todos os poderes ao Presidente da República para atuar no poder executivo e no legislativo. Em fevereiro de 1969, é criado o Decreto -lei nº 477, aplicado aos professores , alunos e funcionários das escolas, proibindo-lhes toda ou qualquer manifestações de caráter político.

Foi o período em que o Estado monta um poderoso aparato persuasivo através dos meios de comunicação de massa e de recursos tecnológicos. A influência da tendência tecnicista passa a inspirar a maior parte dos estudos e iniciativas da área educacional, principalmente na década de 70. As “instruções programadas”, “educação via-satélite”, “tele-ensino”, “micro-ensino”, entre outros, são algumas das propostas pedagógicas da época . Portanto, na pedagogia tecnicista, o aluno e o professor ocupam uma posição secundária, porque o elemento principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso.

Surgem as Leis nº 5540/68 e a 5692/71, de Diretrizes e Bases da Educação de 1º e 2º graus impostas autoritariamente por militares e tecnocratas, que tinha o objetivo de inserir o educando no mercado de trabalho, assegurando-lhe um lugar na sociedade estratificada através da profissionalização do ensino médio. Esta educação imprime uma tendência fortemente tecnicista, desenvolvendo uma reforma totalmente autoritária,

domesticadora, que visava atrelar o sistema educacional ao modelo de desenvolvimento econômico dependente, imposto pela política econômica norte-americana sobre a América Latina. Esta reforma apresenta em três pilares e algumas críticas, segundo Aranha, M. (1991):

“ • Educação e desenvolvimento : visava a formação de profissionais que atendessem às necessidades urgentes do país quanto à mão-de-obra especializada para o mercado em expansão . Na verdade essa preocupação com a profissionalização redundava em formação de mão-de-obra barata de meros executantes e não pesquisadores, mantendo nossa dependência em relação aos países desenvolvidos;

• Educação e segurança : visava a formação do cidadão consciente. Daí a introdução de disciplina sobre civismo e problemas brasileiros - A introdução das disciplinas sobre civismo significa imposição da ideologia da ditadura, reforçada pela extinção da filosofia e diminuição da carga horária de história e geografia;

• Educação e comunidade : visava estabelecer a relação entre a escola e comunidade, com a criação de conselhos de empresários e mestres - Esta relação tinha o intuito de reduzir a interferência da empresa na escola, visando a captação de mão-de-obra, assim com a influência, na estrutura escolar, do modelo da estrutura organizacional das empresas burocratizadas e hierarquizadas. ”

Em relação a Lei 5692, esta apresenta algumas aparentes vantagens que foram :

- extensão da obrigatoriedade do 1º grau (1º a 8º série);
- escola única : não existe mais a separação entre o ensino secundário e o técnico;
- profissionalização a nível médio para todos;
- integração geral do sistema educacional do primário ao superior;
- cooperação das empresas na educação.

Porém, no decorrer dos anos a lei não foi seguida ao pé da letra por vários motivos: em relação a obrigatoriedade de oitos anos - nas escolas não haviam recursos materiais e humanos para atender à demanda, as disciplinas eram mal ministradas descuidava ainda mais a formação geral. O mesmo acontece ao ensino profissionalizante, esta não se efetua devido a falta de professores especializados, as escolas não possuem infra-estrutura adequada (laboratórios, oficinas, materiais) para a exigência e existência dos cursos, jogando no mercado os maus profissionais que , quando absorvidos tornam-se mão-de-obra barata. (Aranha, 1991).

Ao mesmo tempo as escolas particulares, as destinadas à formação das elites, apresentam um programa oficial, como fachada, para atender apenas formalmente as exigências legais resultando num ensino diferenciado, de caráter propedêutico , de preparação para o vestibular. Conseqüentemente, o acesso as vagas nas melhores universidades eram destinadas, somente, à elite por estarem bem mais preparados.

Resumindo: a reforma não consegue desfazer a dualidade que já existia - a escola para os pobres e a escola para os ricos .

Na década de 80, já era reconhecido o fracasso da implantação da reforma e a Lei nº7044/82, dispensando as escolas da obrigatoriedade da profissionalização é dado ênfase a formação geral. Inicia-se, aos poucos, o processo de democratização e começavam a ser conquistados os espaços que a sociedade civil perdera no período ditatorial.

Em 1985, passamos a ter o primeiro governo civil depois da ditadura, ainda com eleições indiretas na escolha do presidente da república , mesmo à revelia dos movimentos populares (Diretas Já).

Os partidos marginalizados, os organismos de representação estudantil voltam a legalidade, devido a abertura política. Diminui a censura e os debates políticos voltam à tona tanto publicamente como nas salas-de-aula.

Os professores se mobilizam para recuperarem as perdas salariais, que agravaram na proletarização da profissão de professor e lutam pela regulamentação da carreira , na busca de melhores condições que permitissem exercer a função com mais dignidade.

Em 1988, foi formulada a nova Constituinte e um dos assuntos foi referente à escola pública que levantou-se várias discussões que levaram a formulação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 20 de dezembro do ano de 1996.

Os pontos mais importantes da nova Lei de Diretrizes e Bases são:

- gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- sofreram alterações a expressão escolas de 1º, 2º e 3º graus e pré-escolas. Entra em vigor : Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior;
- ensino fundamental obrigatório e gratuito;
- extensão do ensino obrigatório e gratuito, progressivamente, ao ensino médio;
- atendimento em creches e pré-escolas públicas às crianças de zero a seis anos, com prioridade maior na expansão do ensino fundamental;
- garantia ao acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da produção artística, de acordo com a capacidade de cada um;
- o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório aos diversos níveis da educação básica tendo como o objetivo de promover o desenvolvimento cultural dos alunos;
- valorização dos profissionais de ensino, com planos de carreira para o magistério público;
- a aplicação da União, anualmente, nunca menos de 18%, e os estados, o Distrito Federal e os municípios 25% no mínimo, da receita resultante de impostos;
- essa distribuição dos recursos públicos assegurará prioridade ao atendimento das necessidades do ensino obrigatório, nos termos do plano nacional de educação;

- os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos as escolas comunitárias confessionais ou filantrópicas desde comprovem finalidade não lucrativa;

- a Lei estabelecerá o plano nacional de educação visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do poder público que conduzam à erradicação do analfabetismo, a universalização do atendimento escolar, melhoria da qualidade do ensino e este vinculado a escola, o trabalho e as práticas sociais;

Apesar da preocupação do Governo em fazer mudanças relacionadas à educação, de acordo com alguns tópicos da Lei, já mencionados, não podemos esquecer que o Brasil vive um processo muito rápido de mudanças. O desenvolvimento que existe hoje, é recente e não podemos ocultar a realidade : o Brasil ainda é considerado um país subdesenvolvido. Um dos motivos que apresentam como reflexo de sua estrutura política e sócio-econômica é o seu sistema educacional falho , com suas seguintes características : alta taxa de analfabetismo, baixo índice de aproveitamento dos alunos, evasão escolar, defasagem entre as necessidades reais da sociedade e as tarefas cumpridas pelo sistema escolar.

Analisando o contexto histórico da educação no Brasil, verificamos que a escola pública gratuita nunca teve o seu devido valor. Foi deixada sempre em segundo plano e que ao invés de ser uma escola para todos tornou-se uma escola voltada para as classes menos favorecidas. A escola pública, também, serviu de palco para os interesses das classes dominantes , portanto não havia interesse de fazer uma escola de qualidade. Ao contrário, o sistema educacional brasileiro durante muito tempo progrediu de forma quantitativa, no

intuito de suprir à demanda - devido a grande procura de vagas nas escolas e o aumento da população, houve uma expansão desordenada de escolas, que não obedecendo critérios de prioridades, resultou o baixo nível de ensino baixando ainda mais a sua qualidade.

Esta corrida de construção de escolas ocasionaram nas falhas muito presentes no nosso sistema de ensino atual : falta de recursos materiais e humanos, estrutura curricular inadequada à nova clientela, desordenação e improvisação, despreparação do corpo docente e administrativo, que misturados resulta num baixo grau de padrão de ensino.

Apesar desse quadro caótico que se encontra a educação atualmente, ainda podemos perder as esperanças. Não podemos mudar um quadro (que já dura há quase quinhentos anos) de uma hora para outra. A Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/ 96 foi criada recentemente e esperamos que ela seja efetivada na íntegra. E que a escola que ela defende seja realmente de qualidade, que atenda igualmente toda a população brasileira e que no fim seja uma escola realmente democrática.

Antes de finalizarmos este capítulo sobre o contexto histórico da educação brasileira, relembremos que o nosso objetivo principal é nos situarmos no processo histórico para uma compreensão sobre os motivos que nos levaram à nossa proposta. Levar os professores, que devido a falta de recursos materiais nas escolas públicas voltadas à Educação Infantil, a produzirem um material (de boa qualidade) com a matéria-prima oferecida pela própria comunidade. Então questiona-se : Por que uma proposta voltada à Educação Infantil ? Por onde o professor deverá começar a procurar esses

materiais ? A qual profissional o professor deve recorrer ? Pretendemos a partir destes questionamentos apresentar algumas respostas e propostas que possam auxiliar o professor na sua tarefa.

CAPÍTULO III

A PRÉ- ESCOLA E A FORMAÇÃO DO SEU PROFESSOR

Partimos da compreensão de que a escola não tem o poder de mudar a sociedade, mas ao mesmo tempo, ela não tem o papel de conservar essa sociedade. A educação fundamental e a educação infantil têm a função de contribuir, junto com as demais instâncias da vida social, para as transformações necessárias no sentido de tornar a sociedade brasileira mais democrática.(Kramer, 1994)

A contribuição da educação voltada às crianças de zero a seis anos não é a de caráter propedêutico (preparação ao ensino fundamental). A função pedagógica do trabalho da educação infantil visa em favorecer o desenvolvimento infantil e a aquisição de conhecimentos que consideramos importantes e que irão contribuir, mais tarde, no ensino fundamental.

Para conferir as contribuições da educação infantil , faremos uma breve retomada da evolução da sua pedagogia e pretendemos, também, destacar e reapresentar algumas das propostas pedagógicas que influenciaram e impulsionaram a criação das instituições pré-escolares , no Brasil.

A preocupação com a educação pré-escolar iniciou-se, no Brasil, sob a forma de instituição. Em 1875, criou-se o primeiro Jardim de Infância no Colégio Menezes Vieira no Rio de Janeiro, e seu fundador foi Joaquim José de Menezes Vieira e sua esposa Carlota. O ensino ministrado no Jardim de Infância era de influência Froebiliana. Froebel, considerado o pedagogo da

infância, dizia que a educação deve propiciar condições que possibilitem o poder de manifestação e expressão externa ao eu infantil, das necessidades e dos interesses existentes no interior de cada indivíduo. Sua proposta é caracterizada por currículo de atividades (Kramer, 1994) onde o lúdico é o determinante da aprendizagem infantil.

Brinquedos cantados, histórias, artes plásticas, desenho, recorte e colagem, construção, observação da natureza e horticultura são atividades fundamentais nos Kindergartens (Jardim de Infância), onde os recursos pedagógicos estão organizados em : prendas (brinquedos, jogos de construção), ocupações (recorte e colagem, dobradura) e atividades maternas (Mother Play), música, dança e embalos.

Porém, a proposta froebeliana não foi totalmente adotada na instituição brasileira. Ela teve que sofrer alterações e adaptações nas atividades : procurou fugir no que considerou abusos de abstrações científicas, abuso de cantos, da rigidez de certos exercícios propostos por Froebel, para a melhor efetivação da prática docente (Angotti,1994).

A criação de uma instituição pré-escolar não foi somente no Rio de Janeiro. Em São Paulo, no ano de 1877, fundou-se a primeira instituição pré-escolar particular de origem e influência froebiliana - A Escola Americana - criada por protestantes e plebisterianos radicados na cidade. Nesse período, somente as crianças ricas é que tem acesso a pré-escola.

Para complementar e auxiliar na formação das normalistas, foi fundada o primeiro “Jardim de Infância” estadual, em 1896, anexo à Escola Normal Caetano de Campos - São Paulo. De acordo com Angotti (1994) :

“...os alunos dessas pré-escolas receberam professores formadas e / ou especializadas em centros de formação europeus e americanos, ocasionando a importação de modelos pedagógicos estrangeiros, sem análise crítica, sem inovações, sem adaptações necessárias a suas aplicações no Brasil, e especificamente em São Paulo, dando início a um processo de uso de propostas inadequadas a nossa realidade muito diferente face ao contexto que foram criadas. ”

Apesar de algumas críticas sobre as metodologias froebilianas adotadas nas primeiras pré-escolas, o ensino pré-escolar foi ganhando espaço, aos poucos e recebeu novas influências.

Os movimentos de reforma educacional inspirados pelo ideário escola-novista tem suas origens no final do século XIX na Europa e Estados Unidos, e só ganhou espaço no contexto educacional brasileiro por volta de 1930. Esse movimento tem impulso, no Brasil, a partir das produções teóricas e das ações efetivas de Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho, trazendo na época, principalmente em São Paulo, a esperança de democratização e de transformação da sociedade por meio da escola. Os educadores que adotam essa concepção passam a acreditar que as relações entre as pessoas na sociedade poderiam ser mais satisfatórias, menos injustas, se a educação escolar conseguisse adaptar os estudantes ao seu ambiente social. Para que essas finalidades sejam alcançadas, propõem experiências

cognitivas que devem ocorrer de maneira progressiva e ativa, levando em consideração os interesses, motivações, iniciativas e as necessidades individuais dos alunos. Reagem contra o individualismo e o academicismo da educação tradicional, propondo a renovação das técnicas e a exigência da escola única, obrigatória e gratuita.

Com as manifestações escola-novistas, o ensino pré-escolar também sofreu alterações. Fernando de Azevedo, ao criar o texto expresso no “Código de Educação em 1933”, não imaginou que, ao seguir a tendência de misturar propostas de diferentes autores, integralizou em suas concepções as propostas de Decroly, Kilpatrick com os materiais de Montessori e Froebel. O resultado é que na fundamentação pedagógica das instituições chamadas Jardins de Infância tinham a tendência eclética com ênfase em especial às propostas de Froebel, Montessori e Decroly.

Outra contribuição pedagógica que influenciou e nos programas educacionais voltado à educação pré-escolar brasileiro foi a do epistemólogo, Jean Piaget (1896-1980), que foram difundidos principalmente na década 70. Criador da psicologia genética, Piaget, preocupou-se em investigar o processo de construção do conhecimento e realiza inúmeras pesquisas sobre o desenvolvimento psicogenético. O foco principal de seus estudos, nos últimos anos de sua vida, foi no pensamento lógico-matemático. Nas suas pesquisas, Piaget utiliza o método clínico que permite o conhecimento de como a criança pensa e constrói as noções sobre o mundo físico e social.

Alguns dos pressupostos básicos da teoria piagetiana, que influenciaram em suas propostas, foi o interacionismo, a idéia de construtivismo seqüencial e

os fatores que interferem no seu desenvolvimento. O desenvolvimento, segundo Piaget, resulta de combinações entre aquilo que o organismo da criança traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio. A interação do organismo e o meio, é o eixo central. Essa interação se dá a partir de dois processos simultâneos - a organização interna e a adaptação ao meio, que são funções exercidas pelo organismo ao longo de toda vida. A adaptação foi definida por Piaget como o próprio desenvolvimento da inteligência que ocorre através da assimilação e da acomodação. Os esquemas de assimilação vão modificando, progressivamente, que configurarão nos estágios de desenvolvimento.

Os estágios de desenvolvimento, configurados segundo a teoria piagetiana, não são estáticos, ou seja, não foi definido idades rígidas para cada fase ou estágio. Para Piaget, o desenvolvimento vão-se evoluindo como uma espiral onde cada estágio engloba o anterior e o amplia. Esses estágios se apresentam numa seqüência constante, que foi chamada de construtivismo seqüencial, que são: sensório-motor, pré-operacional ou simbólico, operatório concreto e operatório lógico-formal ou abstrato. Segundo Kramer (1994), Piaget considera que esse processo de desenvolvimento recebe influências dos seguintes fatores:

*“ maturação (crescimento biológico dos órgãos),
exercitação (funcionamento dos esquemas e órgãos que
implica na formação de hábitos), aprendizagem social
aquisição de valores, linguagem, costumes e padrões
culturais e sociais) e equilibração (processo de auto-
regulação interna do organismo, que se constitui na busca
sucessiva de reequilíbrio após cada desequilíbrio sofrido).”*

Com base nos pressupostos acima citados, a educação na visão de Piaget deve possibilitar à criança o desenvolvimento amplo e dinâmico desde o primeiro estágio - o sensório-motor até chegar o estágio operatório lógico-matemático. Portanto, o papel da escola é de promover atividades desafiadoras de acordo com o estágio do educando que, motivado pelo desequilíbrio - conflitos cognitivos, e tentativas de novos equilíbrios, mesmo temporários, lhe garantirá novas descobertas e construções do conhecimento devido ao processo de auto-regulação. Nessa construção, as concepções infantis (ou hipótese) combinam-se às informações provenientes do meio, na medida em que o conhecimento não é concebido apenas como espontaneamente descoberto pela criança, nem como transmitido mecanicamente pelo meio exterior ou pelo adulto, mas como resultado dessa interação onde o sujeito é sempre ativo (Kramer,1994).

Para Piaget, a educação tem por objetivo formar homens criativos, inventivos e descobridores e ativos e, principalmente construir a autonomia. A autonomia é vista como princípio fundamental que garante a atividade mental, o processo ativo e autônomo de raciocínio na construção do conhecimento. Portanto, para ele a criança deve ser vista individualmente, com sua liberdade garantida pelas condições de desenvolvimento absoluto de suas potencialidades.

Conheceremos agora alguns princípios básicos que orientam a prática pedagógica de uma pré-escola baseada na teoria de Piaget, que segundo Kramer (1994) são:

“ 1) Tudo começa pela ação. As crianças conhecem os objetos, usando-os (um esquema é aplicado a vários objetos e vários esquemas são aplicados ao mesmo objeto).

2) *Toda atividade na pré-escola deve ser representada (semiotizada), permitindo que a criança manifeste seu simbolismo.*

3) *A criança se desenvolve no contato e na interação com outras crianças: a pré-escola deve sempre promover a realização de atividades em grupo.*

4) *A organização é adquirida através da atividade e não ao contrário. É fazendo a atividade que a criança se organiza.*

5) *O professor é desafiador da criança: ele cria "dificuldades" e "problemas". Assim, a pré-escola deixa de ser vista como passatempo, e passa a ser um espaço criativo, que permite a diversificação e ampliação das experiências infantis, valorizando a iniciativa, a curiosidade e inventividade da criança e promovendo a sua autonomia.*

6) *Na pré-escola é essencial haver um clima de expectativas positivas em relação às crianças, de forma a encorajá-las a ter confiança nas suas próprias possibilidades de experimentar, descobrir, expressar-se, ultrapassar seus medos, ter iniciativa etc.*

7) *No currículo da pré-escola informado pela teoria de Piaget as diferentes áreas do conhecimento (linguagem, matemática, ciências naturais e sociais) são integradas. O eixo central desse currículo são as atividades."*

No Brasil, obtivemos e temos várias propostas curriculares baseados nos trabalhos de Piaget. Estas propostas foram adotadas pelos sistemas públicos de ensino, mas produzidas por entidades privadas. Esses trabalhos inspiram-se na teoria piagetiana, mas cada um deles contém pressupostos

teóricos e orientações metodológicas bastante diversificadas, refletindo diferentes posturas políticas e concepções educacionais.

Outra proposta pedagógica difundida atualmente no Brasil, é a de Celestin Freinet (1896 - 1966). Pedagogo francês, autodidata, viajou muito para conhecer outras experiências pedagógicas criticando-as e absorvendo delas o que achava positivo. Foi influenciado por Rousseau, Pestalozzi e Ferrière, e criou na França o movimento da escola moderna que na verdade o objetivo maior era construir uma escola democrática e popular que desse aos filhos do povo, os instrumentos necessários à sua emancipação.

A escola criada por Freinet está totalmente centrada na criança que é vista não como um indivíduo isolado, mas que faz parte de uma comunidade e que possui direitos e deveres, e direito ao erro. Freinet acreditava que o *trabalho* constituía uma necessidade profunda de ser humano, por isso aboliu de sua escola tanto o ensino enciclopédico, desprovido de sentido, quanto a brincadeira como simples passatempo. Na sua escola não há distinção entre o trabalho e jogo - a escola é um lugar de trabalho prazeroso, lúdico.

Na pedagogia de Freinet as atividades manuais são tão importantes quanto às intelectuais e, a disciplina e a autoridade são fruto do trabalho organizado. O trabalho, embora adaptado à criança ele deve ser uma atividade verdadeira e que não se limita somente as atividades manuais.

Sua pedagogia foi construída e centrada a partir de técnicas que tinham como base a experimentação e documentação, que forneciam às crianças instrumentos que as levavam a aprofundar o seu conhecimento e o

desenvolvimento à sua ação. Algumas das suas técnicas são : as aulas passeio; desenho-livre; livro da vida; imprensa escolar; correspondência interescolar; o dicionário dos pequenos; o caderno circular para professores. Essas técnicas têm por objetivo de estimular o desenvolvimento dos métodos naturais da linguagem (desenho, escrita, gramática) , da matemática, das ciências naturais e das ciências sociais. A realização das atividades far-se-á nas oficinas dentro da escola, e esta deve oferecer um bom espaço físico e materiais. São fundamentais , também, uma boa organização da sala-de-aula e da escola.

Atualmente, no Brasil, a proposta pedagógica de Célestin Freinet, tem sido objeto de grande divulgação nos curso de formação de professores devido a proliferação das escolas cooperativas pelo estado de São Paulo. Alguns educadores e escolas brasileiras também receberam influência da pedagogia de Freinet na educação escolar . Dentre elas, destacamos o novo Núcleo Curricular Básico - A Multieducação, encaminhado à todas escolas da Rede Municipal do Rio de Janeiro, referente ao ensino básico (englobando Educação Infantil e Ensino Fundamental), que adota algumas das propostas da pedagogia de Freinet.

A pedagogia pré-escolar, infelizmente, só foi reconhecida como dever do Estado e direito de todos os cidadãos apenas nos últimos cinquenta anos, no Brasil. Primeiramente esta educação elementar tinha, no início, a duração de quatro anos - chamada de a antiga escola primária. A partir de 1971, com a Lei nº 5692, este ensino foi estendido para 8 anos de duração, e passa a ser chamado de ensino de 1º grau dirigido à crianças de 7 a 14 anos e é obrigatório em todo o Brasil.

Baseado no contexto histórico da escola pública brasileira, desde a sua criação, percebemos que esta não teve o devido valor durante anos. Não é de agora que existem, hoje, nas escolas de educação fundamental : baixa qualidade de ensino e falta de vagas em algumas regiões do país que deixam de fora da escola aproximadamente 7 milhões de alunos todos os anos (Kramer, 1994). Apesar da educação ser obrigatória para todos por lei, isso não é realidade no Brasil.

Quando referimos a educação de crianças de 0 a 6 anos, a despreocupação ainda é maior. Até pouco tempo o atendimento a essas crianças tinha o caráter assistencialista e médico, com poucas iniciativas públicas envolvidas neste programa.

Na década de 70, a educação da criança é reconhecida e as políticas educacionais iniciam, lentamente, a ampliação do atendimento para crianças de 4 a 6 anos. Apesar da criação e expansão de novas escolas, ainda não foi suficiente para atender à demanda.

Segundo algumas pesquisas, são 10% das 25 milhões de crianças de 0 a 6 anos (das quais 16% são crianças de 4 a 6 anos) que recebem algum tipo de atendimento, desde as escolas particulares e até iniciativas de órgãos de assistência social (Kramer, 1994).

Esperamos que com a nova Lei de Diretrizes e Bases a 9.394/96, amplie a oferta de educação para de 0 a 6 anos, de modo a garantir, a todas, o direito de acesso e permanência, e que o trabalho realizado no interior dessas escolas tenha a qualidade necessária para que possa beneficiar as crianças, um

direito delas em receberem um atendimento educacional antes do ensino fundamental.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Para podermos compreender melhor a atuação dos professores voltados à educação infantil, recorreremos aos principais aspectos das tendências pedagógicas que influenciaram, inclusive, o ensino de artes aplicado concomitantemente com as demais disciplinas que complementam na formação desse profissional.

As tendências pedagógicas segundo Fusari (1995) são: tendência Idealista-Liberal e a tendência Realista-Progressista.

Fazem parte da tendência idealista-liberal a pedagogia tradicional e a pedagogia nova.

Na pedagogia tradicional, destacamos como representante voltado a educação infantil, Froebel. Para ele, a educação das crianças no pré-escolar baseia-se na professora e esta deve possuir as habilidades favoráveis ao desenvolvimento integral da criança. Por que a professora? Froebel considera a mulher como educadora em potencial. Ele captou as características de mulher-mãe, ou seja, educadora por profissão. A mulher educa seus filhos dentro e fora do lar, observa e acompanha todo o desenvolvimento intelectual e físico das crianças.

As professoras formadas nas escolas com influência froebiana, deverá ter a observação como uma habilidade fundamental, para que ela possa acompanhar, levantar elementos para proceder a análise da adequação das atividades propostas com o interesse e o desenvolvimento do potencial infantil (Angotti, 1994).

A atividade de ensinar é centrada na professora que interpreta e expõe a matéria. Ela é o centro, a base do trabalho escolar. Portanto, esta deve ser ativa e possuir habilidades técnicas como : saber organizar o ambiente da sala-de-aula, apresentar sabiamente os materiais didáticos ou uma atividade, e ser um bom exemplo nas normas de realização de atividades e comportamento. Deverá ter a incumbência de guardar e proteger a criança, como a mãe que cuida de seus filhos. Para Froebel a professora deveria possuir as seguintes características: ser sábia, ter habilidades, e possuir ampla cultura.

A professora deve proporcionar uma atmosfera de disciplina suave, numa relação baseada no amor e no afeto, colocar as crianças em condições adequadas, oferecendo-lhes material próprio ao grau de desenvolvimento em que se encontra, para poder conduzi-la à plenitude do seu eu, do espiritual, do divino existente em cada indivíduo (Angotti, 1994).

Nas escolas de formação de professores, nos primeiros decênios do século XX, os alunos recebiam, nas aulas de artes, o ensino de desenho pedagógico onde aprendiam esquemas de construções gráficas para ilustrar as suas aulas.

Os alunos formados pelas escolas normais da época, quando exerciam a sua profissão, aplicavam os trabalhos aprendidos. A valorização do traço, do contorno, a repetição dos modelos e aplicação de desenhos mimeografados para as crianças pintarem, são as atividades artísticas mais utilizadas na proposta froebiliana e que permanecem ainda hoje.

Os conteúdos eram encaminhados pela professora através de atividades que seriam fixadas pela repetição e tinham por finalidade de exercitar a vista, a mão, a inteligência, a memorização, o gosto e o senso moral. Além disso, o professor deverá procurar desenvolver em seus alunos habilidades manuais, hábitos de precisão, organização e limpeza.

Outra característica da concepção froebiliana que prevalece, atualmente, é de que a mulher é a mais indicada a exercer o trabalho docente na área de educação infantil. Essa concepção foram um dos possíveis motivos que influenciaram os homens a se afastarem do magistério, em decorrência de um possível preconceito. Algumas pesquisas constataam que a maior parte do ensino pré-escolar, tem suas aulas ministradas por mulheres e nos cursos de formação de professores encontramos pouquíssimos rapazes. (Angotti, 1994).

Atualmente, algumas atividades e características da concepção froebiliana prevalecem nas escolas normais e que são aplicados na prática na pré-escola. Principalmente no que se refere ao ensino de artes, como as atividades de modelagem com argila, o recorte , a colagem e a dobradura.

A pedagogia nova ou mais conhecida como Escola Nova tem suas origens no final do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, seus reflexos chegam a partir da década de 30.

Nas décadas de 50 e 60, é difundido, nos cursos de formação de professores voltados a educação infantil, diversas propostas pedagógicas principalmente a do epistemólogo Jean Piaget.

Na proposta pedagógica de Piaget, o professor e nem a matéria não é mais o centro da atividade escolar. É o aluno ativo, e investigador.

Para Piaget, o professor deverá colocar o aluno em condições próprias e que, partindo de suas necessidades e interesses, possam buscar em si mesmo conhecimentos e experiências, ou seja, o aluno aprende melhor por si mesmo.

Para que isso ocorra, o professor coloca o aluno em situações em que seja mobilizada a sua atividade global e que se manifeste numa atividade intelectual, de criação, de expressão verbal, plástica e outras. É professor que orienta, incentiva, organiza as atividades sempre adequando às capacidades das características individuais de cada aluno.

É exigido da professora uma bagagem de profundo domínio das áreas que irá desenvolver no aluno, sejam elas ciências, aritmética, artes e outras. O seu pleno domínio sobre tais conteúdos e as estruturas implícitas no seu conhecimento permitem à professora o encaminhamento adequado do processo de desenvolvimento cognitivo da criança (Angotti, 1994).

A professora que tem como objetivo de promover a segurança, o domínio, a autonomia e o desenvolvimento integral do seu aluno. Esta, por sua vez, deve ser calma, respeitar o ritmo de seu aluno de acordo com o desenvolvimento que são as características essenciais dessa proposta.

No Brasil, essa pedagogia influenciou na formação dos professores, principalmente na disciplina de arte, nas décadas 50 e 60 . Nesse período, a ênfase dada nas atividades artísticas para as crianças era a livre expressão. As atividades de cópia de modelos, repetições e pinturas de desenhos mimeografados são totalmente abolidos nessa pedagogia, valorizando, portanto, os estados psicológicos das crianças.

Todas as atividades, agora passam dos aspectos intelectuais para os afetivos. A preocupação com o método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo de trabalho, caracterizam-se uma pedagogia essencialmente experimental, fundamentada na psicologia e na biologia. Visto como ser criativo, o aluno deveria receber todas as estimulações possíveis para expressar-se artisticamente (Fusari,1995).

Depois da década de 60, o pouco cuidado em avaliar e interpretar os fundamentos do método da livre-expressão levou inúmeros professores a extremos onde tudo era permitido. Entendiam que a expressão dos alunos não podia sofrer qualquer interferência do professor. Muitas atividades foram eliminadas pelo próprio professor que, na sua opinião, prejudicavam o trabalho criativo dos alunos.

Nessa época, ainda sobre a influência da psicologia, os professores, nas aulas de arte, realizavam exercícios de sensibilização destinados a desbloquear o aluno e soltar sua fluência criativa. Esses exercícios muitas vezes eram inócuos e desestruturadores que reforçavam ou instauravam ainda mais os bloqueios do que fluir a criação do aluno.

Segundo Fusari (1995), outra contradição pode ser observada em muitas aulas de arte, atualmente, é aquela na qual os professores, simpatizantes da pedagogia da escola nova, desenvolvem atividades artísticas incluindo conceitos, temas, técnicas e projetos com características tradicionais, mas que são tratados, metodologicamente, com enfoque na expressividade e desejos espontâneos dos alunos.

Outra tendência pedagógica que influenciou a formação de professores foi a realista-progressista. Segundo Fusari (1995), na década de 60, muitos educadores preocupados com os rumos da educação escolar, passam a discutir as reais contribuições da escola, sobretudo da escola pública, pensando numa melhoria das práticas sociais.

Dentre as pedagogias criadas na época, destacamos a pedagogia libertária que resume-se na “importância dadas as experiências de auto-gestão, não-diretividade e autonomia vivenciadas por grupos de alunos e professores (Fusari, 1995). Destacamos como representante dessa pedagogia Celestin Freinet, pelas suas proposta pedagógica estar mais voltada a área da educação infantil e influenciou, também na formação de professores voltados à essa área.

Na pedagogia de Freinet, o professor deverá ser verdadeiro, claro, culto, deverá conhecer as técnicas para poder aplicá-las com eficiência. É ele

quem garante as condições dos trabalhos, dando informações, pistas e sugestões para estimular o aprendizado. Segundo Angotti (1994):

“ O professor deverá adquirir, ou desenvolver a capacidade de observação permanente, pois esta constitui instrumento fundamental para que o professor possa conhecer o seu aluno, identificar suas necessidades, desvendar seus interesses para oferecer condições e situações educativas que propiciem a realização da criança caminhando para a sua formação pessoal, intelectual, cultural, social e política.”

Para Freinet, no quadro da instituição escolar, o verdadeiro educador não será mais o vigilante ciumento e severo que está lá só para mandar, dirigir, sancionar os seus erros; ele será promovido à dignidade de um novo papel que consiste em :

- permitir a cada um dedicar-se a um trabalho-jogo que responda ao máximo às suas necessidades vitais;*
- dirigir eventualmente, ajudar eficazmente, sem reclamações nem zangas inúteis, os pequenos trabalhadores em dificuldades;*
- assegurar definitivamente em sua escola o reinado soberano e harmonioso do trabalho.”*

O professor, também, deverá ser o organizador do ambiente, explorador de situações a serviço da criança, da sua experiência e aprendizagem de vida.

Deverá supervisionar, arbitrar, questionar, ou seja, oferecer dados ao aluno para que ele possa se auto-avaliar.

A característica que deve existir num professor é o crédito no potencial de realização da criança, o respeito pelo seu tempo, pelo seu ritmo de crescimento, de realização e de amadurecimento. Assim, sendo a criança chega a disciplinar-se, encontrando ainda grande respaldo para esse feito, no auxílio orientador e amigo encontrado na figura do professor. (Angotti, 1994).

Para Freinet, outra característica fundamental que deve existir entre o professor e aluno é o respeito mútuo, respeito entre os seres humanos no desempenho de seu papéis; um relacionamento baseado na amizade, na fraternidade, na cooperação para que pudesse proceder o crescimento individual, a apropriação e o aperfeiçoamento, a edificação de uma cultura numa relação coletiva.

Para Freinet, as técnicas de expressão mais adequadas para as crianças que não dominam a escrita encontram-se nas atividades artísticas, como o desenho, a música, o canto, a dramatização, a pintura e as gravuras. Portanto, cabe ao professor proporcionar um ambiente em que a criança possa escolher livremente dentre as diferentes formas de expressão artística, para que ela expresse da melhor maneira o que sentem, o que são, o que aprenderam e manter contato com novos conhecimentos.

É a partir dessas atividades que vão encaminhando a criança para se liberar cada vez mais e dentro de diferentes formas de expressão. A leitura e a escrita tornam-se peças fundamentais, que vão sendo incorporadas à criança de forma natural, espontânea, pela própria necessidade de querer comunicar-se com todos e entender o que os outros têm a dizer sobre si mesmos, sobre o mundo que o cerca. (Angotti, 1994).

Para Freinet, cada atividade deve ser um trabalho útil e criativo, decidido e organizado coletivamente. O essencial de sua proposta era do professor valorizar a livre expressão dos alunos, motivando-os a partir do que considerava necessidades vitais do ser humano : criar, se expressar, se comunicar, viver em grupo, ter sucesso, agir descobrir e se organizar.

As tendências pedagógicas apresentadas anteriormente, elas ainda estão presentes tanto na prática do professor do pré-escolar como nos cursos de formação desses profissionais. Temos consciência de que o professor deve trabalhar na proposta que mais lhe agrada pois precisam ensinar do modo que sentem e gostam .Porém, o futuro professor e o profissional que já atua no pré-escolar deve ficar atento.

Segundo um estudo realizado por Angotti (1994), relacionado à prática do docente no âmbito da pré-escola, ela detectou o despreparo das professoras nas realizações de suas aulas. As propostas de trabalhos e atividades sugeridas às crianças encontravam-se destituídas de objetivos de conhecimentos e de desenvolvimento de conteúdos. O professor somente preocupava-se em estimular o desenvolvimento da destreza manual, através da repetição sistemática de treinos ortográficos.

O estudo revelou que esse despreparo das professoras em lidar com suas expectativas frente ao desempenho das crianças, seus erros, o tempo de elaboração dos trabalhos e as respostas destes, não foi reconhecido e respeitado pelas professoras o ritmo, os caminhos percorridos, a bagagem cultural trazidas pelas crianças. As professoras mostraram-se avessas aos erros infantis, negando-lhes novas oportunidades de elaboração das atividades,

oferecendo-lhes conteúdos prontos, mastigados a seu próprio modo, formas impostas de realizar exercícios e atividades, cobrando da criança a reprodução mecânica do modelo proposto. (Angotti, 1994)

Retomando às propostas pedagógicas apresentadas anteriormente, elas defendem de que é necessário oferecer técnicas ao indivíduo para que ele possa instrumentalizar-se na arte de expressão, da produção espontânea e original devido ainda não conseguir expressar-se, bem, oralmente ou através da escrita. Então, é necessário oferecer à criança condições através das técnicas seja de educação artística, de educação musical, educação física, do aperfeiçoamento da coordenação motora, para que ela possa elaborar seus conhecimentos e expressá-los.

Mas, segundo Angotti (1994), a preocupação com o ensino de técnicas que viabilizem a livre expressão infantil, o autoconhecimento e o processo de elaboração cognitiva, não constitui foco de preocupação nas práticas pedagógicas observadas por ela. O mais importante era o desenvolvimento dos aspectos físicos-motores garantidos através da reprodução mecânica de exercícios que exigiam pouca elaboração e nenhuma originalidade. Em relação as atividades artísticas (artes plásticas), foram consideradas, muitas vezes como “tapa buracos”, ou seja, eram realizadas em momentos de falta de tempo hábil para que nova atividade pudesse ser proposta.

Portanto, é necessário observarmos em direção ao processo de formação dos professores que atuam e que irão atuar no nível pré-escolar. Eles podem estar passando por uma formação deficiente que não lhes dá oportunidade de desenvolver conceitos básicos e nem subsídios fundamentais

do seu próprio fazer como não os fortalece no crédito do potencial de desenvolvimento de realização da criança e no conhecimento deste processo.

Não podemos esquecer que a pré-escola não tem só o objetivo de preparação para o primeiro grau e nem lugar para um trabalho informal. A sua função principal é a pedagógica, a valorização dos conhecimentos que a criança já possui, possibilitando a aquisição de novos conhecimentos. Assim as atividades oferecidas pelos professores às crianças da pré-escola devem enriquecer as experiências de seus alunos e possuir significado real para as suas vidas.(Angotti, 1994)

CAPÍTULO IV

O ESTUDO DAS ARTES

O leitor deve estar perguntando o porquê recorreremos ao estudo das artes.

No caso da Educação Artística, constata-se que, geralmente, os professores que lecionam no pré-escolar, carecem de melhor informação nessa área. Muitas escolas infantis não contam com um profissional especializado para ministrar as aulas de artes ou acessorá-los, cabendo ao titular da classe a realizar todas as tarefas, incluindo as artísticas.

Agora, faremos um esclarecimento do porquê da importância das atividades artísticas no pré-escolar.

As crianças pequenas têm necessidade de se expressar. Por quê ? Devido sua linguagem infantil está ainda em formação e a escrita ainda está longe de ser efetivada, as atividades artísticas tornam-se um caminho mais fácil e sincero de comunicação de sua atividade mental.

O que mais fascina e atrai as crianças para as aulas , sejam artes plásticas, música ou teatrais é a oportunidade de se manifestar, segundo o seu mundo interior, através do seu próprio corpo, dos seus gestos e de suas ações (podendo ser através de dramatizações, pinturas,...). Auto-expressando-se, a criança se encaminha para um ajustamento pessoal e obtém segurança no relacionamento social.

Quando falamos de artes na pré-escola, as pessoas pensam que seus filhos irão se transformar num grande artista. Não é bem assim. Ela não visa a formar artistas mirins, nem a ensinar a criança a desenhar ou pintar segundo os padrões estabelecidos pelos adultos. A arte na educação infantil visa incentivar a expressão natural e espontânea da criança, por isso não devemos impor formas estereotipadas ou incentivar a cópia de modelos para obter bons resultados.

Essa expressão natural encontramos desde os primórdios, quando o homem expressava seus sentimentos, valores estéticos, seus desejos, sua religiosidade através da imagem. Portanto, a arte sempre está presente em todas as culturas e ela tenta concretizar esses sentimentos, emoções, experiências e conquistas do ser humano através de formas e cores, encontradas nas suas pinturas e nas esculturas.

A arte faz parte do nosso mundo, da nossa experiência de vida. Não são somente as pessoas que freqüentam museus e exposições que são as únicas que possuem sensibilização com atos e imagens expressivas que enriqueçam a nossa experiência. A realização estética já nasce com o homem; ela é inerente à natureza humana.

O que seria estética em arte? Estética diz a respeito, à compreensão sensível-cognitiva do objeto artístico, inserido num determinado tempo/espaço sócio-cultural. Todavia, a experiência estética pode ser mais ampla e não necessariamente derivada da arte, embora a arte seja uma de suas principais fontes de aplicação. Ela pode dar-se, inclusive frente aos fenômenos naturais e ao meio ambiente desde que tenham sido mobilizados os valores sensíveis, que

por seu lado são fundamentados em valores estéticos. Por, exemplo, todos nós nos estasiamos ao ouvir o canto dos pássaros e ver o pôr-do-sol ou a dança das borboletas, porque desenvolvemos um conhecimento específico de categorias sonoras, visuais, movimentos, ritmo etc.. Existem autores que defendem até o ponto de vista no qual a natureza é admirada como uma verdadeira obra de arte. (Fuzari, 1995).

Quando o professor apresenta desenhos mimeografados, com intuito de ensinar a criança colorir para desenvolver sua coordenação motora ou até mesmo de distraí-la por algum tempo, isso resulta na imposição de valores estéticos dos adultos. É a assimilação de modelos copiados de acordo com o grau de beleza definidos pelos adultos. Isso , conseqüentemente, acarreta a inibição da auto-expressão. Um exemplo, é quando apresentamos um desenho de uma flor à criança. Ela nunca apresentará sua flor enquanto não estiver de acordo com o que foi apresentado a ela. A criança sempre dirá que o desenho de sua flor, (aquela que em seu desenvolvimento pode oferecer) está feio e fará outro até chegar aos padrões propostos pelos adultos. A maior parte das crianças, que desde pequenas são oferecidas a elas modelos ou cadernos de colorir, tornam-se dependentes desses modelos. Elas não têm coragem, ou são inibidas, de apresentarem ou criarem seus próprios desenhos. São inibidas da sua criatividade e na sua autonomia de expressão.

O professor deve então motivar o aluno, oferecendo oportunidades que levem as crianças à observação, imaginação, exploração, criação, fluência, e flexibilidade. Ele deve estimular constantemente e adequadamente a criança, por meio de desafios e situações-problemas que agucem a sua curiosidade, não esquecendo de respeitar os interesses e o próprio ritmo da criança.

No Brasil, a maioria de nossas crianças que freqüentam as pré-escolas públicas não possuem um lar que favoreça ou estimulem a sua expressão artística . Não queremos dizer que são somente as crianças pobres, pois existem muitas famílias que, apesar de humildes, estimulam e incentivam seus filhos em tudo que fazem tanto artisticamente como intelectualmente. As crianças de meios favorecidos, por causa desestímulo por parte de seus pais, também podem sofrer inibições. Essas crianças precisam, portanto, de motivações artísticas adicionais.

Para isso, o professor deve criar um ambiente seguro, de uma atmosfera em que haja confiança e tranquilidade e oferecer propostas em que as técnicas se adaptem às necessidades naturais de cada criança.

CAPÍTULO V

UMA PROPOSTA

Devido as dificuldades encontradas pelos professores na procura de materiais alternativos necessários nas atividades artísticas e nas outras demais atividades voltadas à educação de crianças de 0 a 6 anos, este estudo apresenta um pequeno caderno de dicas e sugestões de receitas de confecção.

Não apresentamos aqui, uma proposta nova : alguns educadores , grupos de cultura popular e todas as pessoas que querem ensinar e aprender através da troca de experiências trabalham em projetos em popularizar a arte com matéria-prima oferecida pela própria comunidade em que atuam.

Portanto, foi realizado uma pesquisa bibliográfica sobre esses materiais e o reunimos neste estudo.

Queremos também mostrar que o uso desses materiais alternativos em atividades educativas não é somente para fazer economia. Ao usar esses materiais alternativos, o professor deve ter em mente : o valor do trabalho realizado com as mãos, a consciência do fazer para aprender, o conhecer melhor a nossa realidade e a sua comunidade, ó estímulo a criatividade e o combate ao consumismo, ou seja , levá-lo a refletir sobre o material que está sendo trabalhado.

Neste sentido, aprender a utilizar estes materiais alternativos é uma forma de transformar aquilo que não tem muita utilidade ou utilizados para outros fins , em material de boa qualidade.

Geralmente, nas atividades realizadas nas pré-escolas necessitam do material didático (livros, cadernos , cartilhas) utilizados nas atividades de alfabetização, os materiais voltados às atividades, principalmente as plásticas, estão presentes que são: o giz ,o lápis-de-cera, pincéis, cola colorida, massa-de-modelar, rolos de impressão e tintas. Eis então, algumas receitas , propostas e recomendações que foram coletadas e reunidas neste estudo. Junto a cada material, apresentaremos suas características. Em relação em algumas propostas de atividades realizadas por esses materiais, são encontradas na referência bibliográfica no final deste estudo.

LÁPIS DE CERA

O lápis de cera são apresentados em bastões de diâmetro e comprimento variável, com ou sem proteção de papel, com diversas cores e tonalidades. Eles são compostos de pigmentos, cera e parafina.

Os lápis mais escuros são mais moles por levarem em sua composição maior quantidade de cera, portanto ele colore e veda as demais cores. O a mais claros são mais duros e não vedam as cores mais escuras, deixam uma transparência no papel e quando sobrepostos, misturam-se as cores formando outras.

Este tipo de lápis repelem a água e tinta a base de água. Os tipos de lápis-de-cera recomendados à crianças menores, devem ser os mais grossos devido a criança podê-lo segurá-lo melhor e não quebrarem facilmente.

Para confeccioná-lo precisamos de tocos de vela (ou pedaços de parafina) picadas e a derretemos sempre em fogo brando (evitando a formação de espuma pois esta pode atrapalhar) . Para cada xícara de vela derretida misturamos duas colheres de sopa de pó xadrez (para colorir cimento) na cor desejada, ou carvão em pó para o lápis-de-cera preto. Misture rápido e bastante até tornar-se um líquido homogêneo. Finque as formas de papel numa caixa de papelão pequeno cheio de areia com a abertura para cima e enche-as com a mistura. Deixe secar por um dia e está pronto o lápis de cera.

Para reaproveitar sobras dos lápis de cera, separe-os de acordo com as cores : azuis com azuis, verdes com verdes e assim por diante. Realize o mesmo processo anterior.

Para fazer as formas do lápis-cera é necessário enrolar um pedaços de cartolinas (num quadrado de tamanho de 10x10cm), ou canos de PVC cortados em pedaços de mais ou menos 10cm de comprimento em um lápis ou cabo de colher de pau pequeno e torcer na ponta para fechá-lo bem. Estes devem ser untados em seu interior com óleo, vaselina ou gordura.

A ilustração de como ficará o molde para o giz de cera está no anexo no final deste estudo.

AS TINTAS

A pintura é um meio de expressão completos que deve estar presente em todo o período da educação infantil.

Uma variação nas tintas geralmente estimula as crianças a experimentar e criar figuras diferentes. Durante a atividade de pintura, a criança explora, investiga, elabora e conquista sua capacidade de expressar-se através da pintura, operações que são favorecidas quando o clima é de ordem, confiança e segurança. Trata-se de um trabalho prazeroso e agradável para a criança.

O professor deverá ter alguns cuidados ao realizar esta atividade: para as crianças menores recomenda-se tintas mais consistentes para que não escorram do papel. Elas ficam nervosas quando as tintas são mais líquidas por não conseguirem dominá-las no papel.

As tintas mais líquidas são voltadas às crianças maiores, porque são mais estimulantes e adequadas para elas.

Momentos dedicados à pintura devem ser longos e semanais. Para as crianças de 5 ou seis anos, é recomendado 45 minutos e às crianças menores esse tempo pode ser reduzido. Devemos lembrá-lo de não esquecer de pôr aventais, sacos plásticos ou roupas velhas sobre o uniforme das crianças para não sujá-los, além de deixá-las livres para o trabalho.

Agora, vamos às tintas.

TIPOS DE TINTAS

TINTA GUACHE

Alguns cuidados na utilização e conservação dessas tintas: mexê-la sempre antes de usá-la; adicionar água e mexer quando estiver endurecida ou quando não permitir que o pincel deslize sobre o papel; fechar bem cada pote após o uso e deixá-lo num local seco e arejado (nunca deixe em exposição ao sol pois resseca facilmente).

Receita I: Tinta guache

Ingredientes : pó de pintor, goma arábica, água e glicerina.

Como prepará-la: Para uma medida de pó corante, uma medida de goma arábica. A água é acrescentadas aos poucos. Bata bem até obter uma pasta cremosa e consistente. Guarde em vidros que possuam tampas, deixe-os bem fechados com um pouco de água sobre a pasta.

Receita II : Tinta Guache

Ingredientes: 2 colheres de sopa de pó corante ou anilina, 2 colheres de sopa de goma arábica, 2 colheres de sopa (ou mais) de água, uma colher de sobremesa de álcool, 2 a 3 gotas de glicerina.

Como fazer : Misture bem os ingredientes e coloque-os em vidros bem fechados.

Receita III: Tinta Guache

Ingredientes: 1 colher de sopa de gesso, 2 colheres de sopa de goma arábica, 2 colheres de sopa de pó xadrez, 1 colher de sopa de Lysoform bruto e

água que baste para ter a consistência desejada. Misture os ingredientes muito bem e coloque o gesso por último.

Receita IV: Tinta Guache

Ingredientes: 1 xícara de pó xadrez da cor desejada, 1 xícara de água, meia xícara de goma-arábica ou dextrina, 1 colherinha de óleo de cozinha ou querosene. Misture bem todos os ingredientes e cozinhe-o em banho-maria, mexendo sempre. Ao usá-la, dissolver com água a quantidade desejada.

TINTA DE DEDO

Receita I: Tinta de Dedo

Ingredientes: 1 xícara de polvilho ou farinha de trigo, 1 ½ xícara de água fria, 2 xícaras de água fervendo, 1 xícara de sabão em flocos, 1 colher de sopa de lisofórmio, uma colher de sopa de glicerina ou óleo de cozinha, qualquer corante com a cor desejada .

Como fazer: Dissolver o polvilho ou a farinha de trigo em água fria, adicione a água já fervendo aos poucos, mexendo rapidamente para não encaroçar. Leve ao fogo, misturando sempre. Quando estiver na consistência de mingau, retire do fogo e deixe esfriar. Adicione o sabão enquanto o mingau estiver morno e em seguida, acrescente a glicerina e o lisofórmio. Conservar em lugar fresco, de preferência na geladeira. A massa poderá ser dividida : uma parte ficará branca e outra será colorida. Nesse caso, basta adicionar o corante (pó xadrez, anilina, tinta sanotex) durante o preparo.

Receita II: Tinta de dedo

Ingredientes: Com 1 ovo produz tinta para 30 crianças.

Modo de fazer : Separamos a clara da gema e coloque-a num prato. Bata a clara em neve até dar o ponto de suspiro. Distribuímos essa clara para diversos pratos, potes ou caixas de ovos de isopor e adicionamos pigmento: anilina comestível, pó xadrez, colorau. Quanto mais pigmento, mais forte a tonalidade.

Com o soro que sobrou no prato misturamos com pigmentos e temos uma têmpera de qualidade intermediária para crianças de 4,5 e 6 anos. Com a gema, retira-se a película de revestimento da gema, adicione algumas gotas de água e de pinho sol e o pigmento. Nesta mistura conseguimos uma têmpera de alta qualidade utilizada desde a Idade Média.

Receita III : Tinta de dedo

Ingredientes: 2 xícaras de farinha de trigo ou polvilho, ½ xícara de sabão em pó, 3 xícaras de água fervendo, 1 colher de sopa de glicerina (ou óleo de cozinha), anilinas.

Como preparar: Primeiramente, dissolva a farinha em um pouco de água fria. Depois, lentamente, despeje-a na água fervendo. Leve ao fogo, mexendo sempre. Adicione o sabão, a glicerina (ou o óleo)e o corante. Coloque-a em recipientes plásticos e conserve-a em geladeira, onde ela poderá durar vários dias. Para conservar mais tempo coloque uma colher de sopa de Lysoform.

Receita IV: Massa de Goma (para pintura a dedo)

Ingredientes: 1K de farinha de trigo, 1 caixa de goma de roupa ou maisena (caixa pequena), 4 colheres de sopa de Lysoform, anilinas e água.

Preparação: Misture a goma a farinha e a água. Leve ao fogo por 10 a 15 minutos para engrossar. Retire do fogo, separe-as em potes e adicione o Lysoform e as anilinas. Deixe bem fechado.

Receita V : Massa de açúcar (para pintura a dedo)

Ingredientes: 2 xícaras de farinha de trigo, 1 xícara de açúcar, 1 xícara de maisena, água e anilinas. Misture tudo e adicione água aos poucos. Leve ao fogo até adquirir consistência. Adicione as anilinas e conserve-as em potes fechados.

TINTA DA TERRA

A Tinta da Terra : Para fazer tinta ou massa da terra, primeiramente devemos verificar se ela é barrenta, se tem liga , pois terra com muita areia não serve. Tanto serve a tabatinga como a terra comum. Na cidade, as encontramos em parques, lotes vazios ou em barrancos das periferias. Num mesmo barranco poderemos encontrar vários tipo de cores e no meio rural existem mais faturas de cores e tipos de terra.

Para retirarmos as areias da terra , esta precisa passa no processo de decantação: Primeiro peneiramos a terra misturada com água e jogamos fora a areia. Na segunda vez peneiramos com mais água. Peneiramos mais vezes e deixe a água barrenta descansar por 24 horas. A terra irá para o fundo separando-se da água. No dia seguinte, jogamos a água fora, com cuidado para não misturar com a terra e secamos colocando a terra em um saco de pano seco ao sol ,se preferirmos uma tinta grossa ou massa. Se for utilizada como tinta rala não é necessário a secagem.

Acrescenta-se um pouco de grude quando for utilizada. Mas, atenção tintas com grude não conservam, portanto elas devem ser guardadas pura e seca ou em forma de guache da terra para serem usadas quando necessário.

Receita I: Tinta simples de terra

Como fazer : Não é preciso tirar a areia (fazer a decantação) para fazer a tinta de terra. Neste caso, é misturar água. E se quiser, acrescente cola (qualquer uma) e está pronta a tinta.

Receita II: Guache de terra

Ingredientes : 1 xícara de barro grosso em pó (opcional - acrescentar anilina ou pó xadrez na cor desejada), 1 colher de sopa ou mais de goma-arábica ou cola branca, 1 colher de óleo de cozinha (mel ou glicerina). O óleo acentua a cor. Misture todos os ingredientes e acrescente água para amolecer.

OUTROS TIPOS DE TINTAS

Receita I : Tinta de pedra

Modo de fazer : Podemos encontrar pedras de variadas cores. Observe a região em que você trabalha quais as melhores pedras que podem ser socadas. Para fazer a tinta, socamos bem a pedra, até virar pó. Depois penera-se, misturamos água, sacudimos e deixamos descansar por algumas horas. Jogamos fora a água de cima e colocamos um pouco de cola e um pouco de óleo de cozinha.

Receita II : Tinta de casca de ovo - cor branca

Modo de fazer: Tire a pele fina do interior da casca e jogue-a fora. Em um almofariz (pilão), socamos a casca com um pouco de água, até que se torne um mingau bem fininho. Deixe descansar por duas horas e jogue a água de cima fora. Coloque um pouco de cola e vinagre. Outras sugestões para o branco : tinta de giz moído, cal e tabatinga.

Receita III: Tinta de carvão

Modo de fazer: Socamos o carvão e depois misturamos bastante água no pó e peneiramos ou coamos num pano. Deixe-o descansar por algumas horas e retiramos a água que está por cima. A seguir, misture com um pouco de cola. Outras sugestões para o preto e o cinza : carvão de bagaço de uva, caroço de pêssigo, sementes, troncos de roseiras, ossos de animais queimados e picumã (fuligem)de lamparina. O melhor carvão é o azulado e brilhante.

Receita IV : Tinta simples de pó xadrez:

Modo de fazer: Quando não tivermos goma-arábica, misturamos em um copo de água uma colher de sopa cheia de pó xadrez (em pó ou líquido), 2 colherinhas de óleo ou querosene e uma colher rasa de farinha de trigo (o polvilho não deve ser usado pois misturado com o xadrez coalha a tinta). Leve ao fogo mexendo sempre, até virar um mingau ralo.

Pode-se usar só o pó xadrez dissolvido na água, mas a pintura esfarinha depois de seca.

Receita V : Tinta de estêncil a álcool.

(Obtenção das cores verde, vermelho, roxo e azul).

Como fazer: Cortamos um estêncil usado em pequenas partes e misturamos com álcool. Conserve-a num vidro fechado.

Receita XXII : Tinta de Açafrão

(Para obter a cor amarela)

Como prepará-la: Cozinhe o açafrão em pó ou raiz. Misture com um pouquinho de cola. Outras sugestões para o amarelo : raiz de genciana, quaresminha, casca seca de cebola, fruta de marianeira, casca de pessegueiro, azedinha, casca de angeli, tabatinga, casca de cabiúna.

Receita VI : Tinta de urucum

(cor laranja)

Como Prepará-la: 1 copo de água, 2 colheres de semente de urucum, uma colher bem rasa de polvilho ou farinha de trigo, uma colher de óleo de cozinha (ou glicerina). Cozinhar bem e misturar um pouco de cola. Engrossar com polvilho dissolvido em um pouquinho de água.

Receita VII : Tinta de Anil

(Cor azul)

Modo de fazer: Dissolvemos um tablete de anil na água e colocamos um pouco de qualquer cola ou engrossamos com polvilho, levando ao fogo. Outras sugestões para o azul : anil do campo, jenipapo, estrume de boi com tabatinga branca.

Receita VIII : Tinta de água de beterraba

(cores rosa, vermelha e grená)

Podemos pintar com água de beterraba pura ou engrossá-la com polvilho, levando-a ao fogo. Pode também acrescentar qualquer cola à água de beterraba. Outra sugestão casca de aroeira. E para a cor rosa, jabuticaba e tabatinga rosa.

Receita IX : Tinta de caroço de abacate

(cor marrom)

Cortamos o caroço do abacate em pequenas partes, que são socadas ou moídas na máquina de carne. Espalha-se o material moído por duas horas para amarronzar. Depois mistura-se pouca água para não ficar uma tinta clara e espreme-se em um pano.

Outras sugestões para a cor marrom: Ferro ou pedra enferrujada, musgos, casca de acácia.

Faça suas experiências de tinta mais de uma vez. Quando não der certo descubra o porquê e refaça de forma diferente.

ANILINAS

Receita I : Anilina

Ingredientes : Mais ou menos um metro de papel crepom bem colorido, uma colher de álcool e uma xícara de água. Pica-se o papel, mistura-se tudo e deixa-se de molho dois dias. Expreme-se o papel, que se transforma em massa e a água em tinta.

Receita II : Anilina

Ingredientes: 1 colher de sopa de gesso, cinco colheres de sopa de goma-arábica, água, anilina na cor que desejar. Misture tudo muito bem.

Receita III : Anilina

Ingredientes: 1 folha de papel de seda (de cor viva), uma colher de sopa de álcool, uma xícara de café de água. Deixe o papel em fusão durante dois dias, amasse bem o papel e a água guarde-a em vidro fechado.

Receita IV : Anilina

Ingredientes : anilina, cola branca e água. Misture tudo muito bem dosando a quantidade de água conforme a consistência desejada.

PINCÉIS E ROLOS PARA TINTAS:

Aconselhamos que, na escolha dos pincéis variará conforme a clientela que você leciona ou de acordo com a atividade que você irá desenvolver. Para crianças menores aconselhamos os pincéis mais grossos e às crianças maiores podem utilizar os mais finos (e os grossos) por dominarem melhor os seus movimentos na execução dos detalhes.

Os rolos para tintas podem ser usados para qualquer faixa etária. São mais utilizados para atividades de monotipia, matrizes vazadas ou pinturas que ocupem um espaço maior.

Receita I : Rolos para pinturas

Materiais: Cabo de vassoura cortado e furado e furado de 5,10 e 15cm de comprimento, uma espuma de náilon de 0,5cm de espessura, câmara de ar de bicicleta, arame grosso.

Como preparar : cole a espuma no cabo de vassoura e quando a espuma estiver bem aderida ao cabo, introduza a câmara de ar sobre o cabo de vassoura junto com a espuma colada. Com os furos feitos nas pontas do cabo de vassoura coloque o arame.

As ilustrações de como fazer, encontra-se ao final desse estudo intitulado como anexos.

Receita II : Rolo com frasco de desodorante

Material: Um frasco de desodorante com roller (bola) vazio.

Como preparar: Remova cuidadosamente o anel de plástico que fica em volta da bola do frasco. Retire a bola. Misture a tinta numa consistência ligeiramente grossa e encha o frasco até a metade. Recoloque a bola e o anel de plástico, e as crianças poderão usá-lo para pintar fazendo-o deslizar sobre o papel ou cartolina.

Receita III : Pincéis

Materiais : raiz de espada de são Jorge, fiapo seco de manga, fiapo de casca de coco, corda tipo sisal, cabelos, pêlos de animais em geral, linha (para a cerda) ; canudos de antena de rádio, Tv ou carro, cano de refrigeração (para a virola - peça para apertar ou reforçar um objeto); bambu fino (corte um pedaço deixando uma abertura na parte superior e um nó na inferior), gravetos, madeira de caixote (para o cabo); linha de pescar ou para costurar couro; cola Super Bonder ou Araldite.

Como Fazer : Corte cada cerda no mínimo três vezes maior que o tamanho desejado para a ponta do pincel. Amarre o meio do fio com uma linha bem forte (do tipo apropriado para costurar couro ou para pescar). Em

seguida, dobre a cerda ao meio e vá enrolando e amarrando com a própria linha até 1/3 da altura total. Dê dez voltas no mínimo. Na parte do fundo da cerda, coloque um adesivo forte, como Super Bonder ou Araldite. Fixe a cerda até a metade do comprimento da virola. Se preciso, pingue adesivo pelo outro lado da virola.

Dica: Amasse a virola com alicate para fazer o pincel chato e deixe-a normal se preferir pincel redondo. Depois, desbaste a ponta do cabo, passe adesivo e encaixe-o bem prensado na virola.

Pode-se também utilizar de materiais comuns do nosso dia-a-dia, criando pincéis descartáveis como : cotonetes, escova de dentes e algodão ou pedaço de espoja de lavar louças amarrados na ponta de um palito de sorvete .

COLA COLORIDA OU GRUDE COLORIDO:

Com uma pequena pressão no frasco, a cola sai e o aluno conduz para o lado que desejar, formando interessantes desenhos. O professor deverá instruir as crianças quanto ao manuseio do frasco da cola: este deve apertar devagar para conseguir um desenho de linhas finas. Se cair em formas de gotas, deixar o frasco de lado e continuar o trabalho, espalhando a tinta com palito de fósforo, picolé ou mesmo com o dedo.

Modo de fazer: Anilina comestível, 1 copo de água ½ de polvilho e um frasco vazio de creme de cabelo ou de cola com bico. Leve ao fogo até engrossar. Evite bolotas . Peneire-a e coloque-a no frasco.

MASSA DE MODELAR:

Outro material de expressão artística é a massa de modelar. Modelagem é uma atividade que contribui para desenvolver a sensibilidade das crianças. Portanto, é importante oferecer a elas massas para modelar de diferentes consistências e texturas, como miolo de pão, massas de diferentes papéis, plástica, massas caseiras.

No período pré-escolar a criança não se preocupa especificamente em fazer alguma coisa com a massa: ela experimenta a sua maleabilidade, notando que toda a sua ação a massa responde quando é batido, puxado, torcido, amassado, apertado, enrolado e moldado.

A massa para modelar oferece à criança a oportunidade de ver a diferença entre as formas, levando-as a reparar, também, nas proporções dos produtos finais - classificando-as como maiores, menores, uns mais altos ou mais baixos, assim sucessivamente.

Nota: As diferentes massas para modelagem devem ser preparadas e conservadas, de acordo com as especificações sugeridas ao final de cada receita.

Guarde cuidadosamente os trabalhos realizados pelos alunos, pois são muito frágeis. Esses materiais aceitam a agregação de outros materiais e complementação com tintas e vernizes.

Apresentaremos agora algumas receitas de massas de modelagem caseiras que você poderá fazer com as crianças.

MASSA PARA MODELAR

Receita I : Massa de papel

Ingredientes: 1 rolo de papel higiênico de baixa qualidade, 2 colheres bem cheias de araruta , amido de mandioca ou farinha de trigo e uma lata de leite em pó como medida para a água., pó xadrez para colorir ou tinta lavável para parede.

Como preparar: Coloque um rolo de papel higiênico de baixa qualidade dentro d'água e pique-o com as mãos, até que vire uma papa. Derrame essa papa numa peneira. Esprema-a com as mãos até retirar toda a água. O papel formará bolinhas após ser espremido. Desmanche-o até virar uma pasta. Reserve.

À parte, prepare um grude utilizando uma lata de leite vazia como medida para a água e acrescente as duas colheres de sopa de farinha de trigo. A essa mistura acrescente uma colher de chá de vinagre e leve ao fogo. Deixe ferver até ficar transparente. Junte o papel desmanchado ao grude e amasse com uma pedra ou soque-o dentro de um pilão. A massa deve ser imediatamente usada após o preparo.

Receita II : Massa de papel

Ingredientes: 1 rolo de papel higiênico, ½ k de farinha de trigo, água, cola branca, 4 colheres de sopa de alúmen ou vinagre e 1 colher de sopa de Pinho-Sol.

Preparação: Rasgue ou rale o rolo de papel higiênico e deixe-o de molho. Escorra a água e junte a farinha de trigo e a cola até dar boa liga (não esfarelar). Coloque o vinagre e o Pinho-Sol.

Esta massa pode ser modelada livremente ou com diversas fôrmas untadas com óleo de cozinha. Quando secar, pinte ou acrescente materiais diversos.

Receita III : Massa de farinha e sal

Como fazer: Misture duas xícaras de farinha de trigo com três quartos de uma xícara de sal. Adicione água com corante de comida aos poucos. Guarde-a num saco plástico durante uma semana num local fresco .

Receita IV : Massa com sal II

Ingredientes: 4 xícaras de farinha de trigo, 2 xícaras de água, 1 xícara de sal e anilina comestível.

Como preparar: Misture tudo muito bem até a massa ficar homogênea. Colorir com anilina doce e guarde-a em sacos plásticos ou potes fechados. Movimente a massa todos os dias para evitar formações de partes duras. Duração - 1 semana.

Receita V : Massa com sal III

Ingredientes: 5 xícaras de farinha de trigo 5 xícaras de sal e 5 colheres de sopa de alúmen em pó.

Como Preparar: Misture os ingredientes secos e acrescente aos poucos água até obter uma consistência firme. Essa massa torna-se rígida ao secar e pode ser pintada.

Receita VI : Massa com sal IV

Ingredientes: 4 xícaras de farinha de trigo, 5 xícaras de sal, 2 ½ xícaras de água, 4 colheres de sopa de alúmen em pó, anilina comestível.

Modo de fazer: Dissolva a anilina na água e acrescente os ingredientes secos. Misture tudo muito bem, de modo a não aderir às mãos. Conservar enrolada num pano úmido envolto num saco plástico.

Receita V : Massa plástica

Ingredientes: 5 xícaras de cera de abelha, 10 xícaras de farinha de arroz, 3 xícaras de banha e anilina comestível.

Modo de preparar: Misture bem a farinha com a banha. Junta a cera de abelha previamente derretida em banho-maria. Coloque a anilina e amasse bem antes de trabalhar a massa. O calor das mãos é que a trona macia. Guarde-a em plástico fechado.

Outros materiais que são também utilizados para modelagem são o Bombril, o papel alumínio amassado e o papel de seda, jornal amassado e colado com fio ou durex.

Os materiais não terminam aqui. Outras propostas surgirão devido as trocas de idéias com outros profissionais ou com a própria comunidade em que está inserido. Não podemos esquecer , também o que a sua comunidade pode oferecer, pois nem toda proposta às vezes não pode ser aplicadas devidos à falta de algum material. Mas não desanime: substitua por outros e crie também um novo material , não se esquecendo de divulgá-lo. Transformaremos essas trocas de experiências mais ricas e mostraremos que

a partir de simples contribuições podemos aliviar um pouco essa crise educacional. ou esse quadro caótico em que está a educação brasileira.

CONCLUSÃO

Ao chegarmos ao final deste presente estudo, queremos deixar registrado que este trabalho não termina aqui. Tudo que pretendemos com ele foi dar pistas, apresentar algumas dicas, despertar nos professores voltados à educação infantil que existem diversos caminhos para superarmos as dificuldades encontradas no dia-a-dia, principalmente nas pré-escolas públicas.

O que apresentamos não são receitas para serem seguidas à risca. É preciso que o professor seja criativo e inovador, ou seja, crie coisas novas, troque experiências, aprendendo e ensinando à sua comunidade escolar, dando também importância à consciência sobre os materiais alternativos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

- ANGOTTI, Maristela. *O trabalho docente na pré-escola; revisitando teorias, descortinando práticas*. São Paulo, Pioneira, 1994.
- ARANHA, Maria L. de A.. *História da Educação*. São Paulo, Editora Moderna, 1991.
- BRASIL, Decreto-Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.
- CASTRO, Elza M. N. Vieira de. *Informação Pedagógica*. Governo do Estado do Rio de Janeiro - Secretaria Extraordinária de Programas Especiais. FAEP (Fundação de Apoio à Escola Pública). 2º Programa Especial de Educação, 1994.
- FUSARI, Mari F. de R., FERRAZ, Maria H. C. de . *Arte na Educação Escolar*. São Paulo, Cortez, 1995.
- KRAMER, Sônia (coord.). *Com a Pré-Escola nas Mãos; uma alternativa curricular para a educação infantil*. São Paulo, Ática, 1994.
- LOWENFELD, Viktor. *A Criança e sua Arte*. 2 ed. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.

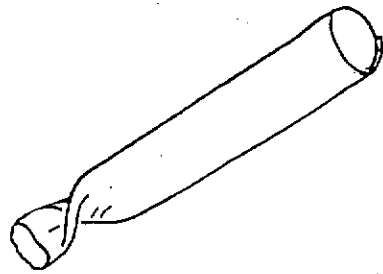
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ANTÔNIO, Laedir A. *Princípio da Arte*. Revista Faça Fácil. São Paulo, Ano VIII, nº81, p. 24-26, out. 1991.
- COELHO, Maria, SANTOS, Manoel de Souza. *Comunidade Criativa; Fazer Brincando*. São Paulo, Edições Paulinas, 1985.
- FERREIRA, Idalina L., CALDAS, Sarah P. S.. *Atividades na Pré-Escola*. São Paulo, Editora Saraiva, 1995.
- FALZETTA, Ricardo. *A Opulência da Sucata*. Revista Nova Escola. São Paulo, ano XI, nº93, p. 8-15, maio. 1996.
- _____. *O Sertão do Seridó Cria sua Didática*. Revista Nova Escola. São Paulo, anoXI, nº98, p. 8 - 15, nov. 1996.
- NICOLAU, Marieta L. M. (coord.). *A Educação Artística da Criança: Plástica e Música; fundamentos e atividades*. 4ªed.. São Paulo, Editora Ática, 1995.
- SILVA, Ezequiel T.. *Magistério e Mediocridade*. 2ªed.. São Paulo, Cortez, 1995. (Questões da nossa época).
- STABILE, Rosa Maria. *A Expressão Artística na Pré-Escola; Por onde Começar?*. São Paulo, FTD, 1988.

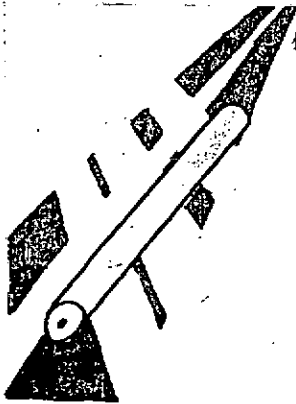
STAND, Margaret A.. *A Criança de Dois a Cinco Anos; Atividades e Materiais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1988.

ANEXOS

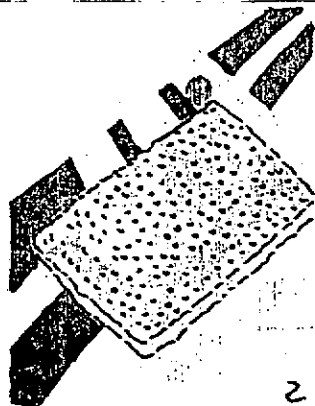
MOLDE DO LÁPIS DE CERA



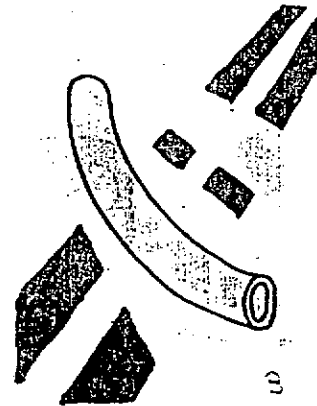
COMO FAZER O ROLO PARA IMPRESSÃO



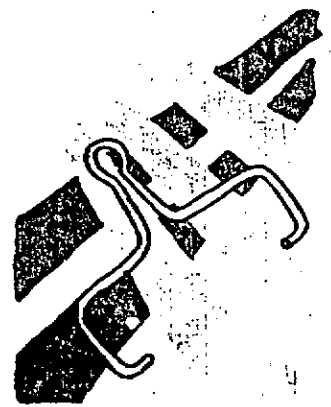
1 Cabo de vassoura cortado e furado de 5, 10 ou 15 cm.



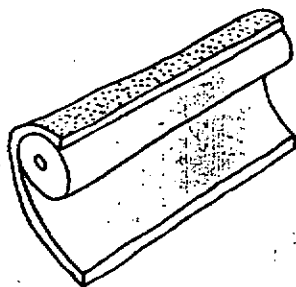
2 Espuma de nailon de 0,5 cm de espessura.



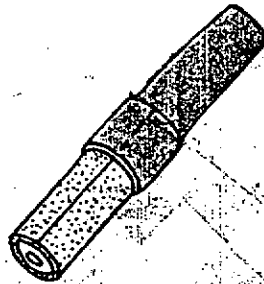
3 Câmara de ar de bicicleta.



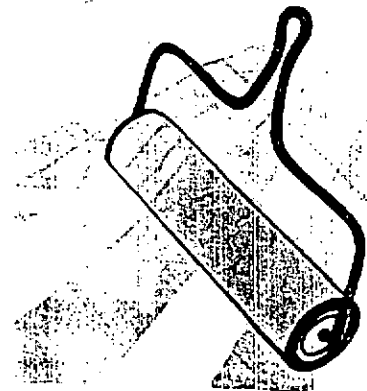
4 Arame grosso.



5 Colar a espuma no cabo de vassoura.



6 Introduzir a câmara de ar no cabo de vassoura com a espuma colada.



7 Rolo de impressão.